DIAGNÓSTICO SOCIAL da CRIANÇA e do ADOLESCENTE de JOINVILLE

Volume 6

Pesquisa Qualitativa com Adolescentes, Jovens e Pais

Joinville

Diagnóstico Social da Criança e Adolescente

www.criancaeadolescentejlle.org

Volume 6

Pesquisa Qualitativa com Adolescentes, Jovens e Pais

Idealização:
Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA
Secretaria de Assistência Social
Prefeitura de Joinville

Realização:
Painel Instituto de Pesquisas

Joinville - SC

Julho de 2010

1ª edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diagnóstico social da criança e do adolescente de Joinville, volume 6 : pesquisa qualitativa com adolescentes, jovens e pais / realização Painel Instituto de Pesquisas .
-- 1. ed. -- Joinville, SC : Núcleo Criativo Painel, 2010.

1. Ciências sociais - Pesquisa - Joinville (SC) 2. Estatística 3. Indicadores sociais - Crianças e adolescentes 4. Pesquisa - Metodologia 1. Painel Instituto de Pesquisas.

10-08929 **CDD-304.60981**

Índices para catálogo sistemático:

1. Joinville : Santa Catarina : Diagnóstico social : Crianças e adolescentes : Ciências sociais
304.60981

COORDENAÇÃO DO PROJETO
Ermelinda Maria U. Januário
CORECOM nº 2.556-9

MONITORAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS
Daiana de Souza Milani
CRP 08/11461

ASSISTENTE DE PESQUISA
Priscila Pfützenreuter

GRAVAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO
Câmera Um Cine Vídeo

TRANSCRIÇÃO, SELEÇÃO E ANÁLISE DESCRITIVA FENOMENOLÓGICA
Prof.ª Bernadette Uber

REVISÃO TEXTUAL
Prof.ª Bernadette Uber

COMUNICAÇÃO
Priscila Pfützenreuter
Talita Moura

PROJETO GRÁFICO
Fellipe Giesel

CRIAÇÃO DE MARCA
Fellipe Giesel
Rafael Uber

FOTOGRAFIAS
Helena Rios (Capa)
Eduardo Hanazaki (Apresentação)

EDITORAÇÃO
Núcleo Criativo Painel
www.nucleocriativopainel.com

APRESENTAÇÃO

O Diagnóstico Social da Criança e do Adolescente está sendo realizado pela primeira vez em Joinville. Idealizado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), o projeto foi concebido a partir de exemplos semelhantes desenvolvidos em grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro, Bogotá e Barcelona.

O objetivo é aproximar o poder público e a sociedade da realidade das comunidades onde as crianças e os adolescentes estão inseridos, além de oferecer uma ferramenta a fim de acompanhar a evolução dos indicadores sociais, por meio de indicadores que fazem referência aos direitos fundamentais do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): direito à "Vida e Saúde", à "Educação, Cultura, Esporte e Lazer", à "Convivência Familiar e Comunitária", à "Liberdade, Respeito e Dignidade" e à "Profissionalização e Proteção no Trabalho", além de indicadores socioeconômicos que retratam o perfil da população residente.

Integrantes do Conselho Municipal da Criança e Adolescente de Joinville - CMDCA

Gestão 2006 - 2008:

Secretário Executivo: Valmir Poli
Presidente: Humberto Gonçalves Corrêa Jr.

Governamentais:

Alice Niehues
Amália Cano da Silva Martins
Aparecida do Carmo X. Matos
Carla Eland Silva
Ciro Padoan
Cláudia Birkholz
Cláudio Nei Aragão
Denise Ângela Mastroeni
Denise Vizzoto
Dirceu Miranda
Edinéia Solange Coral
Edna Maria de Souza
Eliane Hinckel
Elvira M. Zattar Guerra
Giana Yara Malinoski Abdom
Gisele Taise de Amorim Pires
Greicy Edite Machado
Luiz Ildefonso de Oliveira
Mário da Motta Rezende
Mércia Salete Côas Piazera
Mônica Elfriede Vollrath
Nadia Sueli Ferreira de Souza
Neusa Denise Marques
Nívia Simas
Roberto Dias Borba
Rosana Aparecida Barbosa
Sandra Regina C.T. Di Creddo
Solenir Mielke
Viviani Bittencourt Marques

Não-governamentais:

Carla Maria Roth Cardoso
Edmundo Weber Filho
Fabiana dos S. da Silva Bortoluzzi
Fernando Albuquerque Medeiros
Giane Bracelo Luetke
Gisele Becker
Graziela Luisa de Lima
Humberto Gonçalves Corrêa Jr.
Jade Ricardo Doerner
João Felipe Anacleto
José Adilson Toledo
José Wilson Martins
Jucelene Minéia Alves
Katy Viviane M. Kondlatsch
Lenita de Villa
Lidia Manukian Patti
Maria da Consolação P. Osório
Maria Madalena Crestani
Maria Terezinha Vieira Trainotti
Marilene dos Passos Santos
Noemi Schlickmann
Osmar Domingos Cardoso
Paulo Ricardo Castilhos Feil
Pedro Paulo Mira
Rafaela Duarte da Silva
Rosana Agostini
Rosane Schulze Soares
Rosemeri Laatsch
Rosnelda Ponick
Suely Nóbrega Jannini

Gestão 2009 - 2010:

Secretário Executivo: Valmir Poli
Presidente: Humberto Gonçalves Corrêa Jr.

Governamentais:

Daniele de Freitas Wetzel
Darli Martins
Denise Maria Pepe Vitali
Edinéia Solange Coral
Edna Maria de Souza
Eliane Hinckel
Elisabete da Silva Dias
Fabiana Ramos da Cruz Cardozo
Francisco João de Paula
Heleida da Silveira Schmalz
Irma Bertoldi
Ivana Maria Pereira Fernandes
Jacson Kachan Verchai
Juliana Tiburtius
Letícia Nagel
Luciana Rivero
Luiz Ildefonso de Oliveira
Márcia Regina Prüsse
Marelei Britto Ambrozini
Maria Terezinha Vieira Trainotti
Mário da Motta Rezende
Mônica Elfriede Vollrath
Rosana Aparecida Barbosa
Sueli Gonçalves de Bairos
Viviane Karina Korovski
Wilson Otto Siedshlag

Não-governamentais:

Ana Maria Silveira
Ana Paula Pereira Junkes
Camila Silva da Costa
Fabiana Gadotti
Fernanda Müller
Giane Bracelo Luetke
Humberto Gonçalves Corrêa Jr.
Ivete Andrzejewski
Leonardo Hellmann
Lidia Manukian Patti
Lisielen Miranda Goulart
Pedro Paulo Mira
Rosana Agostini
Rosemeri Laatsch
Sandra Maria Pedrelli
Silvia Lea de Aguiar
Solange R. de Freitas A. Macedo
Suely Nóbrega Jannini

Coordenadora do Serviço de Apoio aos Conselhos:
Rita de Cássia de Almeida Chaves Fernandes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS 9

3 PERFIL DO GRUPO FOCAL COMPOSTO POR PAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA CIDADE DE JOINVILLE 10

3.1 FAMÍLIA 11

3.1.1 Conceito e Significado de Família 11

3.1.2 Pessoa da Família que Serve como Exemplo de Vida 12

3.1.3 Importância dos Valores Éticos e Morais como Base para a Educação e Formação do Caráter dos Filhos 14

3.1.4 Depoimentos sobre o Relacionamento dos Pais com os Filhos 15

3.1.5 O Conceito de Drogas Lícitas e não Lícitas para os Pais 15

3.1.6 Ocorrência ou Não de Diálogo entre Pais e Filhos sobre Drogas Lícitas e Não Lícitas 16

3.1.7 Causas que Podem Determinar o Uso das Drogas entre as Crianças, Adolescentes e Pré-Adolescentes 16

3.1.8 Depoimentos sobre como Deve ser o Namoro Durante a Adolescência 17

3.2 ESCOLA E SOCIEDADE 18

3.2.1 Papel da Escola na Sociedade Atual 18

3.2.2 Visão dos Pais sobre as Diferenças entre a Escola Atual e a da Geração Anterior 18

3.2.3 Como os Pais Orientam os Filhos sobre Prevenção, DSTs e Gravidez 21

3.2.4 Como os Pais Encaram o Homossexualismo e o Bissexualismo na Adolescência 21

3.2.5 A Influência das Amizades Durante a Adolescência 22

3.3 POLÍTICA E CIDADANIA 23

3.3.1 Importância de os Adolescentes Exercerem os Deveres e os Direitos de ser Cidadão 23

3.3.2 Melhorias que Poderiam Ocorrer Dentro e Fora do Âmbito Escolar a Fim de Incrementar a Cidadania na Infância e na Adolescência 23

3.3.3 Independência Financeira do Adolescente Versus Liberdade de Atitudes 24

3.3.4 Momento Adequado de o Adolescente Assumir um Trabalho Formal 25

3.4 ESPIRITUALIDADE 26

3.4.1 Importância de Trabalhar uma Orientação Espiritual na Infância, Pré-Adolescência e Adolescência 26

4 PERFIL DO GRUPO FOCAL COMPOSTO POR ADOLESCENTES E JOVENS DO SEXO FEMININO DE 15 A 21 ANOS 28

4.1 FAMÍLIA 30

4.1.1 Conceito e Significado de Família 30
4.1.2 Pessoa da Família que Serve como Exemplo de Vida 30
4.1.3 Relacionamento das Adolescentes com os Familiares 31
4.1.4 Maior Dificuldade das Adolescentes no Tocante ao Relacionamento com os Familiares 32
4.1.5 Importância dos Valores Éticos e Morais como Base para a Educação e Formação do Caráter 32
4.1.6 Depoimentos sobre como Deve Ocorrer o Namoro Durante a Adolescência 33

4.2 ESCOLA E SOCIEDADE 36

4.2.1 Papel da Escola na Sociedade Atual 36
4.2.2 Aspectos Favoráveis e Desfavoráveis Inerentes ao Ambiente Escolar Atual 37
4.2.3 Melhorias que Poderiam ser Implementadas na Escola Atual a Fim de Melhorar o Aprendizado 38
4.2.4 Ocorrência ou não de Diálogo das Adolescentes com os Pais sobre Prevenção, DSTs, Gravidez e Sexualidade 40
4.2.5 Como as Adolescentes Encaram o Homossexualismo e o Bissexualismo na Adolescência e Pré-Adolescência 41
4.2.6 Como Ocorre o Diálogo das Adolescentes com os Pais sobre Drogas Lícitas e Não Lícitas 41
4.2.7 Depoimentos das Adolescentes sobre as Causas que Podem Determinar o Uso das Drogas entre as Crianças, Pré-Adolescentes e Adolescentes 43

4.3 POLÍTICA E CIDADANIA 45

4.3.1 Depoimentos sobre qual é o Aspecto Considerado mais Importante para o Futuro das Adolescentes 45
4.3.2 Momento Adequado de as Adolescentes Assumirem um Trabalho Formal e quais as Vantagens e Desvantagens 45
4.3.3 Importância de a Adolescente Exercer o Direito de Votar aos Dezesseis Anos 47
4.3.4 Importância de a Adolescente Exercer o Dever e o Direito de ser Cidadã e o que o Poder Público Pode Fazer para Contribuir Nesse Sentido 48
4.3.5 Como que o Poder Público Pode Contribuir para Melhorar a Qualidade de Vida das Crianças, Pré-Adolescentes e Adolescentes 49

4.4 ESPIRITUALIDADE 51

4.4.1 Importância de Trabalhar uma Orientação Espiritual Durante a Infância, a Pré-Adolescência e a Adolescência 51

5 PERFIL DO GRUPO FOCAL COMPOSTO POR ADOLESCENTES E JOVENS DO SEXO MASCULINO DE 15 A 21 ANOS 54

5.1 FAMÍLIA 56
5.1.1 Conceito e Significado de Família 56
5.1.2 Pessoa da Família que Serve como Exemplo de Vida 56
5.1.3 Relacionamento dos Adolescentes com os Familiares 57
5.1.4 Maior Dificuldade dos Adolescentes no Tocante ao Relacionamento com os Pais 57
5.1.5 Conceito e Importância dos Valores Morais e Éticos 58
5.1.6 Depoimentos sobre como Deve Ocorrer o Namoro Durante a Adolescência 59

5.2 ESCOLA E SOCIEDADE 60
5.2.1 Papel da Escola na Sociedade Atual 60
5.2.2 Aspectos Favoráveis e Desfavoráveis Inerentes ao Ambiente Escolar Atual 60
5.2.3 Melhorias que Poderiam ser Implementadas na Escola Atual a Fim de Implementar a Aprendizagem 61
5.2.4 Ocorrência ou Não de Diálogo dos Adolescentes com os Pais sobre Prevenção, DSTs, Gravidez e Sexualidade 62
5.2.5 Como os Entrevistados Encaram o Homossexualismo e o Bissexualismo na Adolescência e na Pré-Adolescência 62
5.2.6 Como Ocorre o Diálogo dos Adolescentes com os Pais sobre Drogas Lícitas e Não Lícitas 63
5.2.7 Depoimentos dos Adolescentes sobre as Causas que Podem Determinar o Uso das Drogas Entre as Crianças, Adolescentes e Pré-Adolescentes 65

5.3 POLÍTICA E CIDADANIA 66
5.3.1 Depoimentos sobre qual é o Aspecto Considerado mais Importante para o Futuro dos Adolescentes 66
5.3.2 Momento Adequado de os Adolescentes Assumirem um Trabalho Formal e quais as Vantagens e Desvantagens 66
5.3.3 Importância de o Adolescente Exercer ou não o Direito de Votar aos Dezesseis Anos 67
5.3.4 Importância de o Adolescente Exercer o Dever e o Direito de ser Cidadão e o que o Poder Público Pode Fazer para Contribuir nesse Sentido 67
5.3.5 Como o Poder Público pode Contribuir para Melhorar a Qualidade de Vida das Crianças, Pré-Adolescentes e Adolescentes 68

5.4 ESPIRITUALIDADE 70
5.4.1 Importância de Trabalhar uma Orientação Espiritual Durante a Infância, a Pré-Adolescência e a Adolescência 70

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 72

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa qualitativa faz parte do Diagnóstico Social da Criança e do Adolescente no município de Joinville.

O objetivo geral da pesquisa visou ao levantamento de informações acerca do comportamento dos pais das crianças e dos adolescentes, residentes na cidade de Joinville, bem como sobre quais são suas expectativas e sonhos para o futuro.

Os temas-foco abordados na pesquisa foram determinados pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CDMCA), em conjunto com a empresa Painel Instituto de Pesquisas, responsável pela realização do Projeto.

São eles: família; escola e sociedade; política e cidadania; espiritualidade.

A partir desses temas-foco foram construídos diversos subtemas e questionamentos, com o intuito de serem lançados e debatidos durante a realização de cada um dos três grupos focais.

As pessoas que participaram dos grupos focais foram escolhidas dentre aquelas que participaram na amostra da pesquisa de percepção dos adolescentes e pesquisa de percepção dos pais já apresentados na 1ª e 2ª parte deste volume.

Os critérios para a escolha dos integrantes dos grupos foram: as características socioeconômicas, ocupação e residência em locais diferentes a fim de cobrir espacialmente o Município.

A moderadora - durante a sessão dos grupos focais - foi a psicóloga Daiana de Souza Milani, inscrita no Conselho Regional de Psicologia sob o número: 08/11461 - tendo como função a de acompanhar o decurso dos depoimentos, mantendo o foco da discussão nos temas da pesquisa; bem como a de estimular as respostas sem julgá-las, corrigi-las ou expor opiniões pessoais.

Antes de iniciar a pesquisa, os convidados foram orientados e preparados quanto aos temas e objetivos da pesquisa, procedimentos a serem adotados durante a realização do GF, presença de auxiliares, gravação em forma de áudio e vídeo, sigilo em relação aos comentários, como também em relação aos benefícios sociais do Projeto.

A pesquisa foi realizada na Rua Conselheiro Arp, 80 - bairro América - Joinville/SC nas datas e horários descritos abaixo:

a) Grupo de pais e mães de crianças e adolescentes (28/05/10 - 19 horas – Duração: 2h20min – 7 participantes – 351 depoimentos);

b) Grupo de adolescentes de 15 a 18 do sexo feminino (29/05/10 - 10 horas da manhã – Duração: 1h49min – 8 participantes - 300 depoimentos);

c) Grupo de adolescentes de 15 a 18 anos do sexo masculino (29/05/10 - 14 horas – Duração: 1h21min –11 participantes - 210 depoimentos).

Os participantes dos grupos puderam relatar experiências por intermédio de suas próprias palavras, expressões corporais e gesticulações; permitindo a exposição detalhada de vivências e/ou pontos de vista em relação a comportamentos, crenças, percepções e atitudes.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste Projeto, o pesquisador assumiu o papel de 'observador e descritor da realidade'.

A abordagem foi de cunho qualitativo e utilizou dados menos estruturados, o que permitiu uma interação mais longa e flexível entre o pesquisador e os entrevistados; tendo sido possível, dessa forma, colher informações mais subjetivas, amplas e com maior riqueza de detalhes sociais, culturais e econômicos.

A coleta de dados, desenvolvida por meio de *focus groups*, envolveu a descrição oral detalhada dos fenômenos, comportamentos e experiências vivenciados no cotidiano pelos participantes dos grupos. Tudo com grande riqueza de detalhes e profundidade.

A análise qualitativa dos dados foi trabalhada a partir de três passos:

a) Compilação dos dados por intermédio da transcrição das falas relatadas durante a execução dos grupos focais;

b) Seleção, simplificação, abstração e descrição dos dados originais provenientes das transcrições elaboradas;

c) Organização e análise dos dados a partir de texto descritivo fenomenológico, com indicação de percentuais significativos;

A escolha pela análise descritiva fenomenológica se deu em função da possibilidade de descrever - tais como se apresentam - as experiências debatidas e vivenciadas no cotidiano dos entrevistados, sobre conceitos, crenças, ideologias e fenômenos sociais, culturais e econômicos; com vistas a buscar a estrutura essencial, ou melhor, o 'significado central das mesmas'.

O fenômeno pôde falar por si mesmo sem a intervenção de interpretações a partir de teorias já existentes sobre os temas debatidos.

3 PERFIL DO GRUPO FOCAL COMPOSTO POR PAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA CIDADE DE JOINVILLE

O número de convidados para este grupo focal foi de dez pessoas, no entanto três deles não compareceram ao local e na data prevista. Dos sete participantes, apenas seis participaram ativamente durante as discussões.

A idade dos integrantes do GF foi bastante variada, contando com pais e/ou mães de 24, 32, 35, 37, 44, 47, e 49 anos. Apenas 28,6% declararam serem naturais de Joinville; 42,8% vieram de outras cidades catarinenses e 28,6% são naturais de outros estados que fazem divisa com santa Catarina (Paraná e Rio Grande do Sul).

Dentre os pais participantes, 42,8% possuem filhos adolescentes e 51,2% possuem filhos pré-adolescentes e/ou crianças. Há 42,8% casos de gravidez nas famílias do GF. 100% dos entrevistados são casados oficialmente e/ou possuem uma segunda família estrutura – destes, apenas 28,6% possuem filhos, frutos dessa segunda união.

Em relação ao grau de escolaridade e nível cultural ocorreu certa homogeneidade. 28,6% trabalham e/ou prestam serviços na Secretaria da Saúde do Município. É importante salientar que dentre os entrevistados 28,6% desempenham mais de uma atividade profissional, em locais diferentes. Dos participantes do GF, 42,8% trabalham com atividades ligadas diretamente à educação e/ou ao esporte, incluindo-se aqui também atividades de cunho social-espiritual (catequese). Somente 14,2% possuem trabalho autônomo.

A atuação das participantes do sexo feminino, apesar de serem em menor número (42,8%) foi notável. Num total de 353 falas, 54,4% incluiu depoimentos do sexo masculino e 45,6%, do sexo feminino.

Quando questionados sobre "Com quem moram?", 100% dos participantes do GF afirmaram que residem com os cônjuges e os filhos. Dentre estes, 71,4% são casados pela primeira vez e moram com a esposa e filhos, sendo que 28,6% estão separados de fato, já constituíram uma segunda família num regime de união estável e possuem filhos, frutos dessa segunda relação.

3.1 FAMÍLIA

3.1.1 Conceito e Significado de Família

Em relação ao "conceito e significado de família", 100% dos integrantes do GF defenderam a ideia de que a família é o alicerce da sociedade, é a base de tudo: *"Se você quer ter um futuro, este deve começar na família."*

Tal posicionamento veio alicerçado no seguinte fator: É no seio familiar que se inicia a formação do caráter e da personalidade do cidadão. Sobre isso, 57,1% defendem que é na família que encontramos refúgio e proteção: *"É o porto seguro da gente" // " É o princípio e o fim" //" É nosso sangue." // "É a sustentação de tudo."*

Somente 14,2% colocaram que a família não precisa constituir-se necessariamente de pai, mãe e filhos, podendo incluir também outras pessoas, não necessariamente casadas, com as quais se possui um vínculo maior de afetividade. Aqui se defendeu a ideia de que a família está intimamente ligada à convivência de pessoas afins.

Quando interpelados sobre "Como é o relacionamento entre os familiares?", 100% dos pais e mães entrevistados confirmaram que existe um vínculo muito forte entre eles e seus filhos (família natural constituída). A necessidade desse contato é mais evidente ainda para 85,8% dos entrevistados, pois trabalham fora em período integral: *"Eu sinto necessidade de estar sempre em contato com a minha filha e essa necessidade é recíproca!"*.

Ocorre que 14,2% não se posicionaram a respeito do relacionamento com a família extensa ou ampliada. Dos 85.8% restantes, 71,5% salientaram que a relação com os pais e irmãos é forte: *"Só quem tem família pra falar, porque é uma coisa boa!"* e são bem ligados entre si.

Em contrapartida, a partir desse ponto, o debate toma duas vertentes, dum lado a família natural constituída (pai, mãe e filhos); do outro, a família extensa ou ampliada (avós, cunhados, irmãos, tios, primos, sobrinhos, genros e noras). Somente 14,3% defendem que deve ocorrer uma ligação diária e constante com a família como um todo, envolvendo também a ampliada, evitando qualquer situação que promova o distanciamento.

42,9%, no entanto, destacam que as pessoas da família normalmente se aproximam por questões de necessidade, do vínculo entre elas; mas quando chegam perto demais acabam surgindo conflitos. Então, é preciso manter uma proximidade saudável e que possibilite uma convivência harmoniosa, pois às vezes é muito difícil: *"Há horas em que a gente não quer saber de família". Conclui-se que na medida em que se está na condição de filho e se passa dessa condição para assumir a função de pai ou mãe "a coisa muda de figura" // "A gente corta esse cordão umbilical, segmenta, e passa a lidar com os filhos."* Na verdade vive-se sempre certo meio-termo: na condição de filho e na condição de pai.

14,3% destacam que quando se tem somente o pai, a mãe e os filhos como núcleo familiar *"... é tudo dez"* – no entanto, quando se parte para novas filiações, a família passa a ser constituída por várias sociedades. Por isso, deve-se prezar muito pelo casamento, pois os filhos seguirão suas próprias vidas, terão suas próprias famílias: *"Chega um momento em que se deve entender que você formou uma nova família. Não é uma questão de abandono, o que não pode é dar a mesma importância à família de origem do que à tua, você deve seguir com a tua, senão nossa vida passa a ser cercada de cobranças."*

Na verdade, no final da vida, acabam ficando apenas os dois velhinhos e por esse motivo o casal deve se cuidar, pois não adianta ficar muito preso aos filhos, nem muito preso aos pais, afinal chega o momento da ruptura: *"A gente se sente assim, a gente sente essa falta de ficar em casa."*

Apesar desse distanciamento natural, todos que debateram o assunto (85,8%) ressaltam a importância dos netos para os avós, e vice-versa: *"Não conseguimos privá-los de ver a neta... É bem complicado administrar essa situação de quem está lá e de quem está aqui. Se desse pra juntar todo mundo!" // "De vez em quando é importante fazer uma visita a eles."*

Nesse aspecto, há colocações sobre a educação dos filhos, do que se concluiu que, apesar de os netos, muitas vezes se apegarem mais aos avós, visto que estes acabam sendo mais permissivos do que os próprios pais, deixam-nos à vontade: *"Para os netos, estar com os avós é motivo de festa." // "É só curtição!" // "Faz parte do ser humano"* – a responsabilidade em impor limites e educar os filhos é dos pais.

3.1.2 Pessoa da Família que Serve como Exemplo de Vida

Novamente nesse ponto do debate a participação envolve apenas 85,8% dos entrevistados. 14,2% mantêm-se em silêncio, provavelmente, em função da perda dos pais e do avô, de forma trágica, num acidente de carro.

Os demais participantes (85,5%) destacam que, em se tratando de escolher uma única pessoa que tenha sido ponto de referência ou exemplo de vida, a pergunta é difícil de ser respondida: *"É bem difícil escolher alguém, pois há várias pessoas que poderiam ser citadas, que vêm em minha mente, nem sei que sentido tomar." // "Há várias pessoas que são exemplo."*

A monitora insiste, questionando sobre uma 'única' pessoa que tenha servido de referencial de vida. Nesse ponto da discussão, 100% dos entrevistados opinaram.

Dentre eles, 57,1% colocaram que os exemplos mais marcantes vieram dos avós: a) ou pela bondade e solidariedade dedicada a todos: *"Ainda o meu pai sempre dizia que quem tirou muito a união das famílias foi o fogão a gás, porque quando havia o fogão a lenha todos se revezavam semanalmente para cortar lenha na casa dos pais e avós, faziam alguma coisa para comer, e isso unia os familiares"*;

b) ou pela persistência e sabedoria: *"Morei até os três anos de idade com minha avó paterna, ela fez o papel de mãe comigo. Ela faleceu com mais de 90 anos e todos a tomavam como referência, era bondosa, sábia até os últimos dias e tinha uma serenidade muito grande para lidar com os conflitos da vida"*;

c) ou pela paciência nos momentos de dificuldades e diante da doença e da morte eminentes: *"Apesar de minha avó materna ser uma pessoa muito sofrida, sempre foi alegre e feliz, gente boa com as outras pessoas. Foi um exemplo de vida"*.

42,9% dos entrevistados citaram os pais e/ou a mãe como ponto de referência em suas vidas: *"Meu pai sempre esteve muito à frente na questão da politização e passou isso para mim." // "Minha mãe tinha um astral muito dez, não dispensava uma festa de jeito nenhum, mesmo que estivesse sentindo alguma dor, praticava ginástica, fazia parte do grupo de terceira idade." // "Quem mais marcou a minha vida foi o meu pai."*

Dentre estes, 14,2% também citou como exemplo de vida a irmã mais velha: *"Ela se responsabilizou pela agregação da família após a morte dos pais; reúne os familiares e se precisar 'dar um puxão de orelha' ela dá e se precisar cobrar alguma ela cobra também."*

3.1.3 Importância dos Valores Éticos e Morais como Base para a Educação e Formação do Caráter dos Filhos

De início, o grupo ainda não havia se situado em relação à diferença conceitual entre ética e moral.

Nesse ponto do debate apenas dois pontos de vista foram destacados, contando com a participação de 28,6% dos integrantes do GF.

Primeiramente foi citada a questão do respeito ao próximo *"Eu considero o respeito primordial, senão depois que cresce a pessoa acha que pode pôr fogo em qualquer um na rua."* Em seguida foi elencada a questão da educação como estudo e como princípio moral: *"A educação é hoje a melhor herança que se pode dar aos filhos."*

A monitora interveio por meio de um exemplo para cutucar o grupo, pois nem tudo que é ético é moral. Citou: Roubar porque está com fome é certo ou errado? Roubar socialmente é errado, mas se alimentar é um direito de todos nós. *"E aí, como é que fica?"*

O grupo ressalta a importância dos valores morais na vida do cidadão. 100% dos entrevistados concordam que não justifica 'roubar para matar a fome': *"Os meios não justificam os fins." // "Não se pode concordar com isso, o caso do roubo não pode ser motivo para justificar isso, até porque na sociedade brasileira todo mundo ajuda todo mundo." // "O Código brasileiro te pune, se rouba é penalizado." // "Aí entra a questão que envolve o caráter."*

De forma geral, salienta-se que deve haver coerência entre o que se pensa, se fala e se pratica, pois pelos exemplos dados se consegue mais do que pelas coisas que são ditas: *"Não justifica, há pequenas coisas como o respeito ao direito do outro, ao espaço do outro, à sinceridade, à honestidade, ao respeito, ao coletivo e eu transmito isso aos meus filhos". // "Tem coisas que não dá!"*

Quando questionados sobre o que falta mais na sociedade: ética ou moral, 100% do GF demonstrou, mais uma vez, não compreender a diferença exata entre esses dois conceitos, remetendo novamente à moral: *"Não se pode valorizar mais um valor em detrimento de outro. Todos são importantes. Eu não posso achar, por exemplo, que a honestidade está abaixo do respeito. Todos são fundamentais."*

Sobre a ocorrência ou não de mudanças através dos tempos na questão dos valores, da ética e da moral, apenas 42,8% dos entrevistados expuseram suas opiniões. Foram citados alguns princípios morais, éticos e religiosos em desuso na sociedade atual, como: a) honestidade: *"O que é certo é certo. Não pode mentir, tem de mostrar aos filhos o que é certo e o que é errado"*; b) amizade: *"O que ocorre é a lei de tirar vantagens sobre ou outros, isso não é amizade"*; c) respeito: *"Não existe mais respeito com pessoas idosas e gestantes sentarem nos ônibus"*; d) perdão; e) fidelidade; f) não roubar; g) não mentir; h) não ser corrupto.

3.1.4 Depoimentos sobre o Relacionamento dos Pais com os Filhos

28,6% dos entrevistados colocaram que os jovens de hoje amadurecem bem mais tarde, principalmente os rapazes. Defendeu-se a hipótese de que antigamente os filhos queriam sair da casa dos pais, pois a educação era muito rígida, não havia a liberdade de hoje: *"Queríamos trabalhar e ter nossa vida"*. Atualmente há muito conforto e comodidade na casa dos pais e estes ainda *"... são legais, são amigos"*.

14,6% apontam que a maior dificuldade, principalmente na adolescência, é a imposição de limites. Mesmo quando as regras estão muito claras dentro da família, os adolescentes insistem em burlá-las. Essa dificuldade decorre principalmente pela influência dos amigos: *"Ah, mas a mãe do fulano deixa!" // "Isso é problema da mãe do fulano, eu sou tua mãe! Cada um educa seu filho do jeito que quer!" // "Ah, já sei mãe!"*.

14,6% alegam que a questão do 'consumismo exacerbado', que envolve principalmente os pré-adolescentes e adolescentes - é outra dificuldade sentida pelos pais: *"Trabalhar só para o consumismo? Não dá!" // "Ah, mas só tem dinheiro prá isso!"*.

14,6% alegam que a maior dificuldade é a disputa dos filhos pela atenção dos pais. Essa situação é mais visível em famílias que possuem mais de um filho e, tanto o pai como a mãe trabalham fora em período integral, sobrando apenas as noites e os finais de semana para o convívio familiar. Dessa forma, as crianças e os adolescentes acabam criando situações de conflito somente para chamar a atenção: *"Oh, pai! Ele ta brigando comigo!"*.

28,5% dos participantes não se posicionaram sobre essa questão.

3.1.5 O Conceito de Drogas Lícitas e Não Lícitas para os Pais

100% dos participantes concordaram que tanto as drogas lícitas quanto as não lícitas são prejudicais: *"Tudo que faz você agir sem ter controle total da situação é droga"*.

A partir desse ponto surge uma discussão acerca do exemplo dos pais em relação ao uso de drogas lícitas, como o álcool e o cigarro: *"Final de semana, reúne a família, churrasquinho... cerveja. Meus filhos são menores. Álcool é droga!!! Como eu vou chegar e dizer pro meu filho "Não bebe, se eu estou bebendo!"*.

28,6% alegam que - em situações quando o 'pai' for visto pelos filhos bebendo numa festa - este deve assumir que está agindo de forma incorreta: *"Não é saudável! É bom evitar! O 'pai' ta tomando pouco, tem de saber se controlar!"*.

Houve discordâncias em relação aos depoimentos anteriores, principalmente decorrentes do sexo feminino. 28,6% delas explicam que agiriam de forma diferente diante da situação exposta anteriormente. *"Eu não agiria assim". // "Tem coisa que eu posso, não é da idade deles, quando eles forem adultos eles vão saber e terão de assumir a responsabilidade"*.

Analisando as gesticulações dos demais 42,8%, concluiu-se que houve concordância com as mulheres, apesar de não terem se posicionado a respeito.

3.1.6 Ocorrência ou Não de Diálogo entre Pais e Filhos sobre Drogas Lícitas e Não Lícitas

100% dos integrantes alegaram que costumam conversar e/ou dar orientações sobre o assunto. Dentre eles, 42,8% colocaram que tomam muito cuidado em relação às amizades dos filhos, ao envolvimento com meninas, ao horário que eles ficam em casa sozinhos, ou até mesmo em relação às festinhas e/ou baladas: *"Olha com quem anda!" // "É vigilância constante!"*.

Quando questionados sobre os meios utilizados para tocar no assunto sobre drogas, 28,6% colocaram que aproveitam como suporte e comprovação as reportagens em periódicos ou na própria televisão: *"Visse! Olha o que aconteceu ali!"*.

14,3% conversam mais sobre as noções das coisas, ou seja, orientam: *"Falamos das coisas que a gente pode e das coisas que a gente não pode fazer, das coisas que fazem mal e das que fazem bem"*. 57,1% não expuseram seus pontos de vista.

3.1.7 Causas que Podem Determinar o Uso das Drogas entre as Crianças, Pré-Adolescentes e Adolescentes

Somente 50% se posicionaram a respeito. Todos eles concordam que o uso da droga, seja ela lícita ou não, perpassa pelo relacionamento com os amigos. Alegam que a curiosidade e a influência são fatores marcantes nessa fase da vida: *"Acho que é um desafio, pois eles se desafiam muito entre si em querer ser iguais e hoje os heróis não possuem normalmente referência positiva e, às vezes, o mais benquisto no grupo não serve de referência positiva"*. Dessa forma, o uso das drogas por falta de orientação ou informação foi descartada: *"Falta de orientação não é, pois a informação está aí"*.

3.1.8 Depoimentos sobre Como Deve Ser o Namoro Durante a Adolescência

Sobre o namoro na adolescência 100% concordam que deve haver diálogo constante entre pais e filhos: *"O diálogo falta bastante hoje". // "Não há outra forma, pois se os pais não orientarem, alguém lá fora vai ensinar errado e, além do mais, os filhos veem na televisão insinuações que levam até à questão da conjunção carnal, ao beijo e isso vai aguçar a curiosidade que é inata ao jovem"*.

Dentre os participantes, 14,3% destacam que, além do diálogo, cada família deve definir 'o que pode e o que não pode', dependendo da idade do(a) adolescente: *"Aqui em casa é assim! // Aqui pode isso!"*.

Esse ponto de vista é defendido por mais 28,6% do GF, quando o aspecto levantado é a questão do 'respeito': *"Tem de ver no que você acredita e no que não acredita, quais são os valores da família". // "O meu filho casou e a família da noiva não permitia que os dois dormissem juntos, sabendo disso foi estipulada a mesma regra lá em casa"*.

Um aspecto não diretamente relacionado ao namoro, mas que diz respeito à conjunção carnal foi levantado no final dos debates sobre o namoro. Trata-se da 'pedofilia'. 14,3% destacaram que é necessário orientar as crianças sobre esse perigo na sociedade atual: *"Antigamente isso acontecia com as meninas e hoje já acontece também com os meninos". // "A gente tem de preservar esses anjos que a gente tem"*.

3.2 ESCOLA E SOCIEDADE

3.2.1 Papel da Escola na Sociedade Atual

Quando indagados sobre o papel da escola na sociedade atual, 100% dos pais e mães entrevistados salientam que *"... a função da escola é a de ensinar, a educação dos filhos é responsabilidade dos pais"*. Destacam ainda que muitos pais se desobrigam desse compromisso: *"Há pais que não acham isso" // "Acham que a escola é um 'depósito de crianças', eles que se virem...eles têm de aprender na escola, depende da escola"*.

Completam destacando que a escola é um complemento, tem o papel de executar a educação formal e de reforçar a educação inculcada aos filhos no seio familiar. Não pode e nem deve, pois, aceitar a transferência da responsabilidade em educar os filhos, fator inegável na sociedade atual.

3.2.2 Visão dos Pais sobre as Diferenças entre a Escola Atual e a da Geração Anterior

Sobre esse aspecto 100% dos participantes concordou que há diferenças marcantes. Destes, 71,4% destacaram a questão da falta de 'patriotismo' e de maior 'rigidez' e 'cobrança' na escola de hoje: *"Hoje patriotismo é só Copa do Mundo." // "...se cantava o Hino Nacional." // " A escola onde eu estudava era regida por um sistema militar"*.

Nesse ponto da discussão 100% dos integrantes do GF retomam a questão da necessidade do resgate e fortalecimento dos princípios morais pela escola como necessários para nortear a educação: *"A nossa geração agradece, pede licença pra caramba, mas os adolescentes, é muito difícil de achar alguém que o faça"*.

Sobre isso, várias situações foram levantadas, das quais se citarão as mais significativas.

42,8% relembram que a escola passou por uma série de transformações, sendo que o fruto dessas transformações contribuiu para o desencadeamento de muitos dos problemas ainda enfrentados na escola atual: *"Os pais saíram, a escola e os professores estavam sempre errados, os filhos sempre certos"*.

Houve uma ruptura e uma abertura muito grande, principalmente a partir da década de 80 no Brasil em função do fim de um longo período de ditadura militar. Isso interferiu fortemente na escola, que passou a conscientizar os indivíduos de sua condição enquanto sujeitos de direitos e, consequentemente, de deveres. *"... a escola virou tudo: A escola tinha passado a ser pai e mãe e não podia mais fazer nada porque não tinha mais o apoio da comunidade: Castigo não podia dar mais, não podia corrigir de caneta vermelha porque tudo traumatizava a criança, não podia mais dar um tapa, não podia mais olhar atravessado, não podia mais dizer não, os pais também ficaram perdidos"*.

Defenderam, dessa forma, que não se pode querer uma escola antiga para a geração que está aí hoje. E comentaram: *"Ah, mas esses alunos não são mais como eram antigamente" ou "Essa juventude está perdida!" Dizer isso é um disparate, pois realmente eles são diferentes. Não podemos exigir que nossos filhos sejam iguais a nós"*.

Todavia não concordaram com a 'inversão de valores' que se deu na família, na escola e na própria sociedade, pois os filhos da geração atual são frutos dessa inversão e refletem isso no seu comportamento: *"Deve haver evolução, mas os princípios morais não podem mudar"*.

O avanço tecnológico também foi citado como motivo de mudança e evolução. 42,8% concordaram que os filhos de hoje têm uma gama de informações muito grande em função da internet e que toda essa evolução também contribuiu positivamente para que houvesse uma abertura maior entre os filhos e os pais da geração atual: *"Antigamente, os pais rodeavam.....rodeavam....e falavam: Tem que cuidar, porque sabe como é que é....menino...menina....rodeavam e acabavam não falando diretamente no assunto. Hoje não. Os filhos pequenos chegam e dizem: Olha pai, já sei como os filhos nascem"*. Em contrapartida, alegaram que, justamente, em função dessa evolução, a responsabilidade dos pais em *"... mostrar o que é certo e o que é errado"* aumentou; sendo que, cabe a eles, mais do que nunca, *"ensinar os princípios básicos morais que foram perdidos ou invertidos"*.

A partir dessa vertente, 57,1% defenderam a escola atual como sendo uma instituição que está trabalhando arduamente para resgatar os valores morais, principalmente a questão do respeito; bem como para dar mais abertura à participação dos pais e da comunidade: *"A escola do bairro Vila Nova promoveu na semana passada 'A semana da família na escola'. Que coisa bonita!"*.

O que ocorre, porém, é que muitos pais trabalham fora no período integral e não conseguem participar desses eventos e, outros, simplesmente não se comprometem com a educação dos filhos: *"Às vezes, acabamos não tendo pernas pra acompanhar tudo". // "Os pais precisam estar acompanhando sempre, devem estar junto"*.

A questão do tempo caminha por duas vertentes dentro das discussões. De um lado, 14,6% defendem que a escola deveria funcionar em período integral, como ocorre em outros países. Dessa forma, a criança poderia executar diversas atividades, não somente para *"... ocupar o tempo, mas para que realmente formasse o caráter"*. Essas atividades deveriam ser também de cunho cultural e moral, e não somente intelectuais, como: Dança, Artes, Educação Física e até Ética. Essa estratégia acabaria colaborando mais para a formação global do aluno.

A outra vertente (42,8%) endossa a ideia de que a questão do tempo deve ser gerida pelos pais e que *"... a escola não pode servir de muleta"* nesse caso. Afinal, muitos pais acabam esperando que a escola supra essa questão do ensino dos valores morais, pois alegam 'falta de tempo' de ensinar aos filhos ou não querem se privar de seus compromissos: *"Nada pode substituir a atenção do pai e da mãe". // "Não podemos terceirizar a educação"*.

Ressalta-se que a escola e os pais devem sentar e estabelecer os valores que vão ser ensinados na família e na escola: *"Seria um agir coletivo."* – *"O respeito vai ser tratado dessa maneira na escola. Como os pais tratam em casa?" // É uma questão de a escola dialogar abertamente com os pais e de dar até dicas ou orientações. Exemplo: "Eles têm de aprender a pedir licença, a pedir desculpas, a agradecer!"*.

Nesse ponto do debate, 28,6% ressaltam que é aí que entra a 'família como alicerce', que é uma das bases da pesquisa executada pelo CMDCA – e questionam: *"Qual é o número de famílias constituídas e bem estruturadas hoje? Embora haja casos de pais casados pela segunda vez, porém continuam presentes na vida dos filhos; mas quantos outros não estão nessa mesma situação, ou seja, são filhos de pais separados e não têm a família presente?"* O GF sugeriu um levantamento mais apurado de dados nesse sentido.

Sobre o preparo do educador, 42,8% dos entrevistados colocaram que há muitos professores despreparados atuando na sala de aula: *"Às vezes essas pessoas despreparadas estão lá cuidando de nossos filhos, essa é questão"*. Então seria preciso rever o perfil dos profissionais que estão atuando na educação, rever o número exagerado de alunos nas salas de aula, pois isso também dificulta o trabalho do docente: *"Muitas vezes é complicado ter o domínio de turma tendo 30 a 40 conceitos morais diferentes dentro de uma mesma sala de aula"*.

57,1% defendem, nesse ponto da discussão, que muitas vezes os pais não apóiam as regras estipuladas pela escola: *"Os pais vão tirar satisfação ou não querem dar satisfação dos atos de seus filhos" // "O mais absurdo é que o pai vai tirar satisfação com o professor e ainda leva o filho junto e tentar burlar regras que não há como discutir, tirando a autoridade do professor"*.

Por outro lado, 14,6% discordam dizendo que: *"Muitas vezes a escola só chama os pais para reclamar. Por que não chama para serem parceiros?" // "Ninguém gosta de ser chamado na escola só quando o filho faz bagunça ou para chamar a atenção porque o filho não fez tarefa. Há de se chamar também para elogiar ou até para dizer que precisa de ajuda, convidar para fazer uma parceria"*.

Sobre os pais que não apóiam as regras estipuladas pela escola ou não interagem com os professores e diretores acerca de questões relacionadas aos seus filhos, houve mais tendências percebidas durante o *focus groups*.

14,3% defenderam a ideia de que há pais sem instrução que se sentem intimidados quando são chamados pela escola e acabam não comparecendo: *"Há pessoas que são instruídas e têm condições de conversar com os professores, há pais que não vão porque têm vergonha e nem sabem se expressar com o professor"*.

14,3% defendem que isso está relacionado de comunidade para comunidade; de pessoa para pessoa: *"Em certo ponto há acomodação da comunidade". // "Alguns pais, inconscientemente, não veem a escola com bons olhos. Acabam pondo os filhos na escola por obrigação, pois na época deles a escola foi um inferno, então não comparecem quando chamados, só quando for de extrema necessidade"*.

42,8% defendem que tudo está atrelado à questão dos valores morais: *"Os pais ao mesmo tempo em que criticam a sociedade como um todo por falta de limites; quando alguém põe limite no filho dele, abrem uma boca enorme, ou criticam contra ou fazem contra, não olham para seus próprios umbigos, não percebem que a formação dos valores começa no seio da família"*.

Os demais 14,3% defendem que essa questão está intimamente ligada a diferenças de classe e/ou questões de renda: *"Sabe quem são essas pessoas? Aquelas que moram de aluguel e mudam com frequência de bairro e, assim, de escola. Os filhos são prejudicados". // "Esses pais aí não vão resolver, pode até chamar, eles não comparecem". // "Eu não vou porque posso prejudicar meu filho"*.

Outro aspecto levantado foi a troca frequente de professores em algumas escolas, principalmente nas séries iniciais, e como isso prejudica o ensino-aprendizagem da criança e a própria formação do caráter: *"Minha filha está na série inicial. Saiu a primeira professora, chegou outra, teve todo aquele período de adaptação novamente para então iniciar os trabalhos. A professora saiu. Entrou a terceira. Saiu. Entrou a quarta"*. 100% dos participantes concordaram, destacando que essas trocas devem ser acompanhadas de perto por todos os pais, já que alguns sequer ficam sabendo.

3.2.3 Como os Pais Orientam os Filhos sobre Prevenção, DSTs e Gravidez

100% dos entrevistados asseguram que, mais do que nunca, é responsabilidade dos pais dialogarem constantemente sobre todas essas questões, apesar de que existe certa resistência por parte dos adolescentes: *"Ah, isso eu já sei." // "Isso não precisa me falar." // "Sei me cuidar." // "Não sou mais criança"*.

57,1% levantam que o problema é o contexto em que todos esses aspectos estão inseridos, pois atualmente perdeu-se o respeito pelo próprio corpo: *"Não se pode confundir liberdade com libertinagem". // "Hoje está um absurdo o que acontece por aí. Isso tem de ser trabalhado"*.

Na realidade, hoje a valorização do sexo transfere uma ideia de uma coisa 'comum', 'trivial', nada mais satisfaz porque não existem mais limites.

3.2.4 Como os Pais Encaram o Homossexualismo e o Bissexualismo na Adolescência

Apenas 28,6% se posicionaram em relação à aceitação de um filho e/ou filha bissexual ou homossexual. Eles asseguram que seria muito difícil aceitar tal situação, pois isso é facilmente tolerado quando acontece somente com os filhos dos outros. Por outro lado, não teriam outra escolha senão aceitar, afinal sendo qual for a opção sexual, continuaria sendo filho(a) de qualquer maneira: *"Ia ser um baque!" // "Não dá pra mandar embora, deserdar". // "Se os pais descobrem que o filho é homossexual, os pais não vão ter uma nora, é difícil" // "Chega alguém e diz: Ah, o teu filho é frutinha!"*.

Quando a questão da opção sexual tomou outro rumo, no caso, passou a envolver um amigo(a) do filho(a) na escola, a discussão tomou duas vertentes, das quais apenas 42,9% dos entrevistados participaram.

14,3% alegam que *"a opção sexual tem de ser do adulto"*. Enquanto os adolescentes estão na escola não se pode nem aceitar, nem incentivar. A escola e a família têm de tentar orientar para o lado certo. Deve haver uma linha: *"O que é certo e o que é errado"*. Nem incentivar a ser heterossexual e nem a ser homossexual. *"Tem gente que ainda acha bonitinho um adolescente ser meio alegrinho, meio gay. Não é bonitinho, não é a hora ainda de haver uma definição"*.

28,6% contrapuseram essa ideia, alegando que se peca muitas vezes nessa questão do que é certo ou errado: *"O que é certo? E o que é errado?"* Para a sociedade e até mesmo para a religião o certo é ser heterossexual, embora o homossexualismo exista desde a Pré-História. Existe, sempre existiu na verdade. Hoje está sendo mais comentado, mais aflorado: *"Então se deve estar preparado para tudo". // "Temos de respeitar, são opções, são escolhas que as pessoas fazem. Nosso papel é orientar, mostrar o que é natural; mas se a opção for outra devemos aceitar, pois pelo menos deixamos nosso filho feliz!"*.

3.2.5 A Influência das Amizades Durante a Adolescência

Nesse aspecto, 100% dos participantes concordaram que os amigos exercem forte influência. 14,3% dos participantes defendem que essa influência pode ser tanto positiva como negativa. É positiva quando remete à questão da busca da 'identidade': *"Se curte rock, vai imitar o modo de vestir e até de agir das bandas, do cantor preferido, a observar as ideias contidas nas letras"*. Por outro lado, é negativa se o adolescente perde sua identidade, em função das regras impostas pelo grupo de amigos: *"Pô, meu colega é legal, ele gosta disso, então eu vou ter de gostar também pra continuar sendo amigo dele e fazer parte da galera". // "Pô, eu sou obrigado a usar tênis caro, porque meus amigos usam tênis caro."*

Concluiu-se que o adolescente deve usar aquilo que faz com que ele se sinta bem; evitando seguir as tendências da moda e do Capitalismo reinante, tão reforçado pela Mídia. Mais 28.6% concordaram plenamente com tais colocações e completaram: *"Mesmo assim, até certa idade temos de exercer o poder de dizer se pode ou não pode". // "Pois é, impor limites!"*.

3.3 POLÍTICA E CIDADANIA

3.3.1 Importância de os Adolescentes Exercerem os Deveres e os Direitos de ser Cidadão

Nesse ponto da discussão o Projeto do CMDCA, desenvolvido pela Painel Instituto de Pesquisas foi muito elogiado pelo GF: *"Eu acho que isso que vocês estão fazendo já é uma coisa fantástica, de ter dados na mão através de pesquisas nas escolas..."* E completaram: *"A pesquisa não pode parar por aqui. É preciso estar, constantemente, ouvindo todos os segmentos para saber o que está se passando"*.

Embora apenas 57,1% dos integrantes tenham opinado sobre essa questão, todos concordaram que existem projetos excelentes sendo desenvolvidos, tanto em organizações governamentais como educacionais. Dentre estes foram citados: O projeto municipal *"Vereador Mirim"*, o nacional ligado ao Fim da Corrupção, os ligados à questão da Sustentabilidade: *"Hoje dificilmente se vê uma criança jogando lixo no chão, já os adultos..."*. // *"Essa geração que está vindo aí, está vindo muito boa, no sentido de cobrança, no sentido de reivindicar seus direitos"*.

Em contrapartida, quando o tema é discutido em termos de compromisso em relação aos direitos e deveres do adolescente, as opiniões tomam outra vertente: *"A geração de hoje está muito imatura"*.

Todos concordam que a Legislação deveria ser mais rígida em relação a certos episódios, afinal são destacados muito mais os direitos do adolescente em detrimento aos deveres: *"Aos dezesseis anos pode votar! E se comete um crime, por que não pode ser preso?"* // *"... Com 16 anos o jovem já sabe se está ou não fazendo algo errado, deve haver punição!"*.

14,3% elogiam, no entanto, o fato de que o jovem de 16 anos pode decidir se vota ou não, visto que deve ter consciência se pode ou não votar.

3.3.2 Melhorias que Poderiam Ocorrer Dentro e Fora do Âmbito Escolar a Fim de Incrementar a Cidadania na Infância e na Adolescência

14.3% voltaram a defender a implantação da escola em turno integral e a implantação de mais cursos profissionalizantes: *"...Abrir-se-ia um leque dentro da escola para trabalhar com essas crianças e adolescentes"*.

Quando questionados sobre o que poderia ser feito fora do âmbito escolar, 100% dos participantes concordaram que a população não pode depender totalmente do serviço público: *"Depender tudo do recurso público é um saco com fundo. Não dá pro recurso público manter tudo. Para trabalhar com essa questão da coletividade, tem de trabalhar com parcerias, com voluntariado, tem de engajar a sociedade para esse terceiro setor (voluntariado e Ongs), deve haver uma integração com o serviço público"*.

Nesse ponto, todos concordaram que profissionais habilitados não faltam para exercer tais responsabilidades sociais, o que falta, na maioria das vezes são oportunidades, motivação e iniciativas tanto em relação ao poder público como no tocante aos próprios cidadãos: *"O poder público não pode bancar tudo, mas ele não deve se omitir de ser o articulador. O maior crime do poder público é montar as estruturas e não estabelecer quem vai conservar e como vai conservar"*. – do que se concluiu que o poder público tem a função de organizar e de articular.

Resgatou-se, mais uma vez, a urgência em trabalhar a 'consciência coletiva' por intermédio da valorização e do resgate dos valores morais e éticos. Salientou-se que, muitas vezes, a própria população não sabe que depredando uma placa, um posto de saúde, uma escola, uma praça, está jogando fora o dinheiro dos impostos: *"O que é patrimônio público é de todo mundo e deve ser cuidado por todo mundo"*.

É importante destacar que 42,8% elogiaram a inauguração de novas praças públicas, tanto em âmbito municipal como nacional; no entanto criticaram o abandono das mesmas. Relataram que, em sua maioria, há pouca vigilância e zelo, de tal forma que acabam sendo depredadas ou servindo como ponto de droga: *"Passou hoje na Voz do Brasil uma notícia de que foi inaugurada a primeira da Praça da Juventude em Fortaleza e há uma previsão de mais 800 praças a serem inauguradas no Brasil. Foi prevista a construção, não foi previsto, entretanto, quem iria manter e como iria manter". // "Foram feitos uns 'elefantes brancos' lá Rio na época dos jogos pan-americanos e estão abandonados"*.

3.3.3 Independência Financeira do Adolescente Versus Liberdade de Atitudes

Nesse ponto do debate foi lançada a questão da 'independência financeira'. 14,3% defenderam que: *"Quando o adolescente já consegue ter uma independência financeira já deve possuir esse princípio de valorização da própria identidade"*.

Outros 14,3% discordaram: *"Adolescente não vai ter independência financeira."* e reforçaram essa ideia alegando que enquanto os filhos morarem sob o mesmo teto que os pais, estes devem impor as regras, inclusive em relação ao 'dinheiro': *"O poder decisório até certa idade tem de ser dos pais"*.

Nesse ponto há um conflito de ideias: *"Essa é a questão: impor ou não impor?"*. Alegou-se que, ao falar em 'independência financeira', na verdade defendeu-se a ideia de que o adolescente deve aprender a ter controle sobre seus gastos e a valorizar e reconhecer o valor do que recebe, evitando pendências - e isso só pode acontecer na prática: *"Quando eu era adolescente e já possuía certa independência financeira, separava um dinheirinho e gastava naquilo que gostava. No entanto, meu pai exigia que eu também contribuísse em casa, afinal a minha mãe lavava as roupas, fazia a comida"*.

Ainda houve controvérsias: *"Não se pode proibir tudo, mas também o(a) adolescente não pode fazer o que ele quer só porque tem o dinheiro dele(a), afinal as decisões dos filhos não podem ferir os princípios estabelecidos dentro da família, deve haver uma concordância entre pais e filhos nesse sentido"*. O adolescente deve estar integrado à família na qual vive: *"Cada filho é um filho, cada situação é uma situação [...] mas eles não podem ter hábitos e costumes que vão fazer todos se sentirem mal"*.

Finalizando, notou-se que um dos lados defendeu uma educação mais maleável, baseada no diálogo aberto e na orientação constantes; enquanto o outro lado defendeu que, em certos casos, deve-se partir para a 'imposição de limites': *"Hoje eu sou responsável por você, até a lei me diz isso e até você ter a ciência e a noção de responsabilidade total sobre você mesmo, ainda me sinto responsável e vou dizer o que pode e o que não pode"*.

Foi necessária uma terceira opinião (14,3%) para acalmar os ânimos e fechar com chave de ouro esse assunto: *"A gente vai conversar, vamos discutir e analisar"*. Sustentou-se então que é necessário que pais e filhos cheguem a um consenso; porém quando não for possível, deve-se 'dar martelada'. A orientação e o diálogo, no entanto, devem anteceder a imposição; visto que os pais devem sempre servir de 'referencial' para seus filhos.

3.3.4 Momento Adequado de o Adolescente Assumir um Trabalho Formal

14.3% defenderam, inicialmente, a importância do trabalho informal, ou seja, o adolescente deve desde cedo aprender dos pais as noções sobre trabalho: *"Meu pai sempre fala que trabalho não mata ninguém!"* O foco é desviado pela monitora que questiona sobre o trabalho formal.

57,1% defenderam que o trabalho formal é importante durante a adolescência: *"Deve ter, deve ter sim" // "Tem de ter!". // "Todo mundo vive aqui, ninguém é empregado de ninguém, então vamos participar, até porque isso aguça a responsabilidade pelo coletivo"*.

Dessa feita, defenderam-se algumas vertentes. Entre elas a de que o trabalho formal não prejudica o adolescente desde que se use o bom senso. Retomou-se também a questão da aprendizagem em relação à administração do próprio dinheiro, visando à valorização não só da renda, mas da própria vida profissional do adolescente: *"Ah, eu quero isso" // "Ah, mas eu não tenho dinheiro pra comprar". "Então, eu vou economizar pra comprar isso" // "Ah, então como você vai economizar?"*.

Um aspecto significativo exposto ao grupo foi o fato de que é preciso atentar para a situação em que o adolescente trabalha porque a família passa por necessidades financeiras e ele se obriga 'ou é obrigado pelos pais' a contribuir financeiramente. Reforçou-se que não se deve deixar de preparar bem os adolescentes para o mercado de trabalho em função da questão do trabalho precoce: *"Ah, vai estudar de noite (numa escola de menor qualidade) para trabalhar de dia". // "Diante dessas circunstâncias eles vão correr o risco de ter sempre uma faixa salarial mais baixa, de não ter uma preparação boa para o vestibular ou para um curso técnico"*.

42,8% concordaram com essa colocação.

3.4 ESPIRITUALIDADE

3.4.1 Importância de Trabalhar uma Orientação Espiritual na Infância, Pré-Adolescência e Adolescência

Destacou-se, inicialmente, que 100% dos pais integrantes do GF são Católicos Apostólicos Romanos, isso também inclui os filhos.

100% dos participantes concordaram plenamente que a orientação espiritual, seja ela qual for, deve acontecer: *"Com certeza, porque dá um 'norte' ter essa crença num poder superior"*. E destacaram que esse entendimento das leis espirituais influencia e corrobora fortemente na formação integral, na educação, na visão de mundo, na questão do que é certo e errado: *"O ser humano é feito de corpo, mente, espírito e emoção (Nuno Cobra)" // "A igreja exerce um papel fundamental, ela é o alicerce da comunidade. O primeiro elo que nós procuramos é a igreja. É uma maneira de aproximar a comunidade, de juntar as pessoas". // "A pessoa tem uma fé que é onde ela se baseia até na questão dos princípios morais"*.

Um dos integrantes lançou uma questão polêmica: *"E se não existisse a religião?"* e endossou que o mundo seria um 'pandemônio', não existiriam os valores que impõem limites ao ser humano, não haveria motivos para nossa existência. 100% do GF foram condescendentes com essas afirmações.

14,3% dos integrantes levantaram que a Igreja Católica e outras religiões não toleram o uso dos contraceptivos, em contrapartida os órgãos ligados à saúde acabam distribuindo-os gratuitamente nos Postos de Saúde: *"Eu tenho duas linhas de trabalho: sou catequista e profissional da saúde, então como colocar isso para os adolescentes?"*. Nessa questão, 28,6% defenderam que o que as igrejas condenam não são os 'anticoncepcionais em si', mas a falta de consciência, as consequências disso, ou melhor: a banalização sexual, ética e moral que o uso exacerbado desses métodos provoca na sociedade atual: *"Ah, agora que tem camisinha eu posso transar quantas vezes eu quiser e com quem quiser, pois estou protegido(a)"*.

4 PERFIL DO GRUPO FOCAL COMPOSTO POR ADOLESCENTES E JOVENS DO SEXO FEMININO DE 15 A 21 ANOS

O número de convidadas para este grupo focal foi de oito pessoas, dentre as quais sete participaram ativamente durante as discussões.

A idade das integrantes foi bastante variada, contando com 12,5% das adolescentes com 15 anos, 12,5% com 16 anos, 12,5% com 17 anos, 25% com 18 anos, 25% com 19 anos e 12,5% com 20 anos de idade.

75% das participantes declararam que estão estudando. 12,5% não estão estudando no momento, pois acabaram de se formar e já iniciaram sua vida profissional, atuando dentro da área. 12,5% terminaram o Ensino Médio e alegam que estão *"dando um tempo, pois o final do terceiro ano foi muito puxado"*.

Dentre as estudantes, 37,5% estão cursando o nível superior em universidades de Joinville, nos seguintes cursos: Magistério, Sistemas de Informação e Design de Interiores. 25% das entrevistadas estão cursando o Ensino Médio. Dentre estas, 12,5% estudam no período matutino e fazem curso de Corte e Costura à tarde. 12,5% não estão frequentando nenhum curso regular, apenas fazem cursos profissionalizantes de maquiagem.

Somente 25% das participantes estão trabalhando no momento. Destas, 12,5% atuam na área da educação como professoras de Dança e 12,5% atuam no setor de Recursos Humanos. Somente 12,5% acabaram de iniciar estágio em empresa de Informática.

Apenas 12,5% declararam não serem naturais de Santa Catarina. Nasceram em São Paulo e residem em Joinville há apenas três anos.

No que se refere ao nível cultural e de consciência crítica acerca das questões debatidas, 87,5% das adolescentes demonstraram estar bem conscientes de seus direitos e deveres como cidadãs e, pela desenvoltura e maturidade durante o *focus groups*, evidenciou-se que todas elas estavam bastante seguras e cientes de seu papel, tanto em relação à família quanto no tocante à comunidade em que estão inseridas.

A atuação das integrantes foi bastante dinâmica, permeada por inúmeras inferências e contra-argumentações. Dos três grupos focais, foi aquele que mais participou em relação ao número de falas.

Quando questionadas sobre "Com quem moram?", 87,5% das adolescentes responderam que moram com os pais. 12,5% residem com um casal de amigos, visto que toda a família é de São Paulo. Apesar disso, alegaram que possuem uma convivência *"abençoada"*.

Dentre as 87,5%, 37,5% vivem diariamente com o pai e a mãe mais os irmãos, sendo, portanto integrantes de famílias naturais, compostas por pais não separados. Das 36,5% adolescentes restantes, 12,2% residem somente com a mãe de 75 anos, a irmã reside em Blumenau e cursa faculdade lá. O pai é falecido. 12,2% residem com os irmãos durante a semana numa cidade próxima, sendo que aos finais de semana toda a família se reúne. 12,1% residem com a mãe, o padrasto, a avó e um irmão menor de idade, constituindo, pois, uma família, fruto de uma segunda união. Dentre as 87,5% das adolescentes que residem com os pais e os irmãos, somente 12,5% também mora com o avô.

Quando questionadas sobre a idade das mães, 50% responderam que a faixa etária das mesmas está entre 33 a 38 anos de idade. 37,5% das mães possuem entre 43 a 48 anos e somente 12,5% das mães possui a idade de 75 anos. Chamou a atenção o fato de que 87,5% das mães são mais novas do que os pais, com uma diferença de 2 a 6 anos a menos.

Sobre a idade dos pais, 50% das participantes declararam que possuem entre 42 a 44 anos e 25% possuem 50 anos de idade.

100% das entrevistas possuem irmãos. O número total de irmãos, envolvendo todas as entrevistas é de onze. Dentre os quais 54,5% são do sexo masculino e 45,5% são do sexo feminino. Considerando a faixa etária, apenas 9% são crianças, 18,2% são pré-adolescentes, 45,5% são adolescentes e 27,3% são adultos.

4.1 FAMÍLIA

4.1.1 Conceito e Significado de Família

Sobre esse aspecto somente 37,5% das participantes opinaram e todas elas apontaram a família como sendo a base de tudo, a estrutura, o alicerce: *"Apesar de o adolescente se revoltar contra a família é onde o adolescente se apóia para conseguir ir pra frente, principalmente em relação à vida escolar"*.

Nesse aspecto, evidenciou-se que, apesar de algumas adolescentes residirem longe dos pais, mesmo assim a família é tida como a célula-tronco da sociedade, o lugar onde se desenvolvem as estruturas psíquicas do indivíduo, onde se desenvolve a sua personalidade, onde elas aprendem a viver no mundo, onde ele cria uma identidade, os seus valores e aprende a lidar com suas emoções: *"Tudo o que tu é hoje depende deles e tudo que tu será amanhã também vai ter muita influência deles"*.

Dentre as adolescentes que opinaram, 12,5% defendem a ideia de que a família é base, mas não propriamente a base de tudo, mas apenas enquanto o jovem ainda não tiver condições de seguir em frente sozinho ou ter sua própria estrutura; porque é preciso crescer, expandir e nunca se esquecer do que os pais são na nossa vida. *"Os pais sempre serão um alicerce, um refúgio, um ponto de referência, um conselho, um ombro amigo, sempre, sempre, sempre"*.

4.1.2 Pessoa da Família que Serve como Exemplo de Vida

Quando interpeladas sobre qual a pessoa da família que serve como exemplo de vida, 62,5% das adolescentes afirmaram ser o pai o referencial ou ponto de apoio.

Dentre as razões, destacaram o pai como a figura masculina, símbolo de luta e superação diante dos problemas ou do enfrentamento corajoso em frente a problemas de saúde e/ou pela alegria e a simpatia sempre presentes no relacionamento com todas as pessoas: *"Meu pai perdeu o pai muito cedo, às vezes não tinha o que comer e ainda teve de sustentar as irmãs com apenas 17 anos. Eu acho muito bonito o que ele fez"*.

Dentre essas adolescentes, 12,5% falam da relação amigável com o padrasto: *"Eu o aceito e admiro como se fosse o meu próprio pai. Não conheço meu pai biológico e nem tenho curiosidade em conhecer. Ele me acolheu e acabei me apegando mais a ele do que à minha própria mãe. Ele representa a figura masculina que eu não tive quando era criança". // "Pai é quem cria, fazer é muito fácil!"*.

37,5% citam a mãe como sendo o ponto de referência em suas vidas. Conforme os relatos, suas mães teriam enfrentado uma vida bastante turbulenta, envolvendo abandono durante a infância, sem residência ou lar fixo, gravidez durante a adolescência seguida pelo abandono do pai da criança: *"Eu tendo um filho com dezesseis anos, eu não consigo imaginar, é uma coisa que não passa pela minha cabeça"*.

Os pontos de vista defendem a admiração sentida em relação à "força da mãe diante das dificuldades" e à "superação" diante das mazelas da vida: *"Apesar dos sofrimentos que viveu ela conseguiu provar que seria alguém na vida". // "Na época, ela e o namorado terminaram, então ela se viu sozinha, grávida, tendo uma filha e contando apenas com o apoio da família"*.

4.1.3 Relacionamento das Adolescentes com os Familiares

Quando interpeladas sobre *"Como é o relacionamento com os familiares?"*, 75% alegaram que não existe sempre harmonia, há sempre momentos de turbulências e/ou conflitos. Essa tendência é ainda maior para 25% das entrevistadas, as quais declararam possuir problemas com os pais em função da não aceitação de namoros e/ou conflitos com a irmã: *"Faz parte!" // "É o sentimento de perda!"*.

12,5% relataram suas experiências em residir longe da família, de como isso foi difícil no início e de como os pais sentem saudades e choram ao telefone. Ao mesmo tempo demonstram o quanto estão agradecidas pela dedicação dos pais: *"Eu tenho muito orgulho de meus pais, porque eles batalham muito para me dar tudo o que eu tenho. Tudo que sou hoje é porque eles batalharam muito, acreditaram em mim, acreditaram no meu sonho"*.

25% relataram que há muita união no seio familiar, se não for possível todos os dias, mas aos finais de semana todos almoçam ou saem juntos: *"O meu irmão é criança, ele só dorme comigo, não dorme sozinho". // "Minha avó é a coisa mais fofa, chama todas as minhas amigas de netinhas, adora agradá-las, cozinhando, por exemplo"*.

Dentre estas, 12,5% falaram sobre a saudade do pai que trabalha em São Paulo, pois sempre foi muito mais ligada a ele do que à mãe: *"Sempre me dei muito melhor com ele, por outro lado o afastamento contribuiu positivamente para que houvesse uma abertura maior com minha mãe"*. Segundo a própria depoente, na verdade, havia algumas divergências entre as duas e o afastamento do pai contribuiu para uma aproximação e um melhor relacionamento entre elas, serviu de ponte.

4.1.4 Maior Dificuldade das Adolescentes no Tocante ao Relacionamento com os Familiares

Nesse ponto da discussão apenas 50% das entrevistadas opinaram e todas concordaram que o diálogo com os pais é muito importante e deve acontecer, no entanto, alegam que não há muita abertura por parte da família para conversar sobre assuntos íntimos.

Elas concordaram que, nesses casos, é bem mais fácil trocar ideias com as amigas, irmãs e avós do que com os pais: *"Acho que eu sinto mais intimidade de conversar com minha avó do que com meus pais". // "Não dá pra contar tudo, ela vai te escutar como amiga, mas vai responder como mãe!"*.

Segundo elas, a reação dos pais, na maioria dos casos, chega a ser até constrangedora para elas e as mães parecem um tanto neuróticas: *"Meu deus, o que ta se passando na cabeça de minha filha?". // "Ah, minha boca ta doendo por causa do frio!" - "Uh, ta beijando muito! - Olha o cúmulo que ela respondeu!"*.

Ficou evidente que a maior dificuldade das adolescentes é a de falar com seus pais sobre assuntos pessoais. Isso denota que a insegurança se torna uma característica própria da adolescência, visto que é nessa fase que elas passam a questionar e a fazer comparações entre os conceitos oriundos da família e aqueles que fazem parte do meio escolar e social.

4.1.5 Importância dos Valores Éticos e Morais como Base para a Educação e Formação do Caráter

Nessa questão 100% concordaram que os valores morais e éticos, mesmo sendo opções diferentes para cada um, são essenciais à formação integral do ser humano; pois contribuem para que sejam pessoas melhores e com caráter mais firme, e completaram dizendo que os pais são os principais responsáveis pela formação ética e moral dos filhos: *"Não faz isso!" "Se você vai sair, pede: Posso sair?"*.

Destacaram também a importância do resgate do amor e da compreensão como meio de contribuir para um relacionamento melhor dentro da família: *"É preciso estar presente, mesmo tendo 23 anos ou mais, é preciso dar uma satisfação dos atos, afinal os pais também precisam às vezes de um ombro amigo, precisam ser ouvidos pelos filhos, pois eles passam por muitos problemas e os jovens são muito egoístas às vezes"*.

Quando questionadas sobre a questão da importância que se dá aos valores morais e éticos na família e sociedade atuais, 100% salientaram que muitos valores importantes foram perdidos. Dentre eles, citou-se, primeiramente, a falta de respeito entre as pessoas, apontando como principal causa o próprio egoísmo e as situações vivenciadas no cotidiano atual: *"Todo mundo vive correndo... As pessoas passam e batem nas outras, não pedem desculpas, não pedem licença. Acho que as pessoas não veem umas às outras como seres semelhantes, acabam não vendo, elas simplesmente enxergam a si mesmas"*.

Tal pressuposto foi reafirmado quando se colocou que todos possuem as suas dores, as suas mazelas e dificuldades e a tendência atual é a de não enxergar a dor dos outros, somente as nossas. Por outro lado, defendeu-se que isso não justifica a falta de respeito reinante.

Sobre a banalização dos valores morais e éticos também houve concordância de 100% das entrevistadas: *"Tudo está muito banalizado, todo mundo vive muito de aparências, status, é muita carcaça, é só casca. // "É muita máscara, você acaba vestindo uma coisa que você não é na frente dos outros e, na verdade, quando você está com seus pais, são eles que sabem quem você é no dia-a-dia"*.

Daí se inferiu a dificuldade que as adolescentes enfrentam na sociedade de hoje em função da contradição entre os valores ensinados pela família e aqueles vivenciados no cotidiano com os amigos no âmbito escolar e social.

A discussão caminhou até que 100% das entrevistadas atentaram para a banalização da própria mulher e do amor na sociedade atual e de como os meios de comunicação, principalmente o site de relacionamento 'ORKUT', têm servido de instrumento para isso: *"A questão é que as mulheres devem ter respeito por si mesmas para que os outros possam respeitá-las". // "Você acabou de conhecer uma pessoa há pouco tempo, ah eu te amo!" // "Os jovens se expõem no ORKUT e dizem Te amo, Te amo, Te amo. Depois de uma semana terminam, depois disso começam a namorar de novo. Mas que amor é esse que vai de um dia pro outro, e acaba, e chega na semana que vem, e começa de novo, isso não é amor! Perdeu-se o sentido"*.

37,5% das participantes declararam que toda essa questão da banalização do amor está atrelada ao sonho que toda menina já nasce tendo: o de encontrar um príncipe encantado que a defenda dos problemas da vida e quando a adolescente nega isso é porque se frustrou de alguma forma: *"... ou pela imagem de um pai que você não imaginou pra você, talvez porque teu pai não esteja presente na tua vida; tanto que as maiores referências aqui foram de pais e a gente sente muito essa necessidade. Eu falo porque eu sinto muita falta do meu pai, a gente precisa de um afeto masculino, a gente acha que tem essa necessidade e o dizer 'eu te amo' talvez seja por isso, porque você quer uma pessoa para te dar atenção, pra te dar carinho e a aí você quer amar essa pessoa, por isso que às vezes fala 'eu te amo'. É uma falta de sabedoria, uma carência que as pessoas desconhecem"*.

4.1.6 Depoimentos sobre como Deve Ocorrer o Namoro Durante a Adolescência

100% das participantes concordaram que há diferenças visíveis entre namoros com catorze, quinze ou dezesseis anos; ou melhor; o fator 'idade' contribui essencialmente nessa questão: *"Tudo tem seus limites, tudo tem seu tempo e agora está tudo muito precoce"*.

Um dos fatores apontados foi o de que o namoro precoce (dos doze aos catorze anos, por exemplo) acaba fazendo com que a adolescente 'perca muito tempo de sua vida namorando'. Aqui se defendeu a ideia de que não é preciso, necessariamente, assumir um namoro, mas sim 'ficar apenas', ou seja, conhecer o garoto. Uma relação séria nesta etapa da vida contribui para a anulação de si mesma e a falta de empenho nos estudos, fator essencial para a formação profissional.

Esse pressuposto foi reafirmado pela defesa do seguinte depoimento: *"A nossa intenção quando namoramos ainda novas é idealizar um príncipe encantado. Infelizmente, nem sempre é com essa intenção que o guri se aproxima da gente, e aí acaba acontecendo gravidez antes da hora, menina fazendo loucura, menino fazendo loucura. Há uma série de problemas que podem ser evitados"*.

Nisso se ancorou também a questão da 'imaturidade em pré-adolescentes (meninas de doze a 14 anos), da qual decorre a rebeldia: *"Meu deus, estou gostando de um guri, será que eu fico com ele?" // "Mas por que isso mãe? Não vou fazer nada de mais." // "Criança não sabe o que é amar, muitos adultos não sabem o que é amar, imagina as crianças"*.

100% das integrantes do GF concordaram que a maturidade não rima com infância e pré-adolescência, e muitas vezes sequer com a adolescência: *"A gente amadurece." // "A essência da criança está sendo perdida e essa essência é tão bonita! // "As crianças já veem tudo com segunda intenção, com malícia". // "Guris e gurias de quinta e sexta série já ficando. Meu deus, o que é isso? Vai brincar! Vai pular amarelinha, vai jogar bola!"*.

Mais uma vez a supervisão dos pais foi defendida como uma necessidade premente: *"Hoje eu faria a mesma coisa que minha mãe fez comigo, com minha filha"*.

A questão do namoro precoce (a partir dos dez anos de idade ou menos) foi tratada com muita sabedoria por 25% das entrevistadas, as quais resgataram a questão do ORKUT já discutida anteriormente. Elas alegaram que quando uma menina de dez anos põe inúmeros depoimentos nesse site de relacionamento, ou mesmo pessoalmente, troca 'selinhos' ou 'amassos'; na verdade ela reflete a 'paixão' que sente pelo próprio pai ou a ausência da figura masculina em sua vida.

Elas alegaram que as meninas já nascem para amar, para receber afeto e proteção masculina: *"Às vezes a menina está na terceira ou quarta série, mas os bonitinhos estão na oitava"*.

E completaram afirmando que, na verdade são crianças olhando para adultos na intenção de imitá-los, porém não têm noção disso: *"São crianças brincando de ser adulto, mas com força de criança". // "Nunca vai passar do beijo, mas na verdade não é bem assim, o caminho começa estreito e começa a alargar, essas crianças acabam indo muito mais além"*.

Outro aspecto decisivo discutido foi sobre a questão da relação do namoro com o 'egoísmo'. 100% das entrevistadas concordaram que essa falta de compromisso com o casamento e o egocentrismo existe em ambas as partes, tanto nos meninos, como nas meninas: *"Por que existe o namoro? Namorar é pra casar!" - "Eu namoro porque eu to a fim de ter uma pessoa." // "É egoísmo, porque não quer ficar sozinha"*.

Nessa etapa do debate, inferiu-se que o namoro deveria continuar atrelado aos valores morais e éticos: *"Onde estão os princípios? Tem coisas que se o ser humano perder, não recupera mais e são coisas que vão te afetar pro resto da vida"*. 100% concordaram que o verdadeiro objetivo do namoro é noivar e casar, então o namoro serve como um tempo de convivência necessário para saber se a pessoa é certa para casar. Não se namora apenas para 'ficar de vez em quando' ou para 'matar a solidão' ou 'curtir': *"Esses princípios se perderam!"*.

Tal conclusão foi explicada pelas entrevistadas como sendo o resultado do namoro precoce, tão comum em nossos dias; fruto da liberdade e da falta de pudor tão veiculada pelos meios de comunicação, principalmente no tocante à mulher e, muitas vezes, alimentada pelos próprios pais: *"A liberdade é tão grande que não há pudor nenhum na verdade, não é preciso esperar, não é preciso de tempo, não é preciso de idade, não é preciso de regras, de limites, o adolescente pode tudo!" // "Filho tu vai gostar de quem quando crescer? De homem ou de mulher? Tu vai namorar agora, depois? O que tu quer?"*.

Em contrapartida, 50% das participantes levantaram que é preciso muito 'tato' ao lidar com as crianças e os pré-adolescentes quanto o assunto é namoro. Deve-se tentar entender o lado deles e evitar críticas do tipo: *"Você é muito criança, vai brincar de Barbie" // "Fica aí, seu zé-ninguém, quando você for adulto, vai ter liberdade para falar!" // "Ah, então quando eu for adulta eu vou entender isso!"*.

Essas colocações funcionam como uma 'chicotada' para as meninas, que acabam se revoltando e se sentindo mais perdidas ainda. Segundo as integrantes do GF é necessário mostrar que existe compreensão, mas é preciso orientar, mostrar que ainda não é o momento, que ser criança é maravilhoso; caso contrário elas vão querer viver o mundo dos adultos, uma ilusão que existe somente em suas mentes pueris: *"Criança não sabe que não é adulta ainda!" // "Quando verem o mundo real, é totalmente diferente!"*

4.2 ESCOLA E SOCIEDADE

4.2.1 Papel da Escola na Sociedade Atual

O debate partiu das seguintes afirmações: *"A escola tem a função de ensinar, mas a educação vem de casa!" // "A família é o primeiro passo, depois é a escola". - "Uma questão que também prejudica muito é que muitas vezes os próprios pais colocam a escola como responsável de tudo, em função da correria do dia-a-dia"*.

100% das adolescentes concordaram e destacaram alguns argumentos. O primeiro deles apóia o fato de que os alunos vêm de famílias diferentes, com crenças e valores diferentes, não possuem a mesma opinião: *"Há meninos que você olha e diz "Isso aí quando crescer!? Eu conheci alunos que foram presos". // "Tu conhece muitas coisas boas na escola, mas também conhece muitas ruins. Na faculdade, por exemplo, muitos alunos estão ali, mas não querem estudar"*.

Nesse ponto da discussão 25% destacaram que se fossem pais não teriam confiança em qualquer escola para colocar seus filhos. Segundo elas, os pais – principalmente aqueles que trabalham em período integral - devem conhecer a filosofia da instituição, pois boa parte da vida seus filhos serão vividas ali.

Concluiu-se então que a escola, na opinião dessas adolescentes, possui a responsabilidade de ensinar e de enfatizar a educação dada pelos pais – funcionando como *"uma criadora de opiniões"* - a partir do momento que é ali que se aprende a lidar com pessoas diferentes. Cabe a ela - embora não seja o centro principal - dar continuidade ao ensino dos valores morais, tais quais: fazer o bem, inclusão social, respeitar os limites e as normas, entre outros: *"Na escola tu fazes os teus amigos, é tudo ali"*.

Em contrapartida, concluiu-se que o que se percebe no mundo contemporâneo é que nem todas as escolas cumprem essas tarefas.

Outra questão bastante enfocada foi o fato de que a escola contribui fortemente para a formação educacional e profissional, afinal uma boa parte do tempo, senão a maior, passa-se dentro da escola: *"Pra sociedade e pro trabalho é na escola que tu se encontra". // "O que tu vai ser daí pra frente?"*.

Sobre a responsabilidade de os pais contribuírem para a formação do caráter da criança, envolvendo a apreensão dos valores morais e éticos, a discussão retomou seu curso, fortalecendo ainda mais essa ideia lançada anteriormente: a de que os pais são os maiores responsáveis por esses ensinamentos, visto que a criança deve possuir padrões firmes de valores morais e éticos dentro do seio familiar a fim de desenvolver defesas diante da sociedade.

100% das participantes demonstraram consciência plena de os pais é que devem educar os filhos, e não largar essa responsabilidade nas mãos da escola: *"Mas como tu deixou isso, devia ter cuidado do meu filho?"*.

Quem deve ditar as normas são os pais: *"Tem de fazer isso, tem de respeitar o professor" // "Não, não pode" - "Rafa, não mexe!"*. Afinal, quando os filhos acabam não agindo de acordo com as normas, os pais muitas vezes cobram da escola: *"Por que a escola autorizou isso?"*.

O GF salientou ainda que se o pai e a mãe não têm autoridade, às vezes a criança pensa assim: *"Por que eu vou obedecer à escola, se meus próprios pais não têm autoridade sobre mim?"*. Afinal as crianças agem, principalmente, movidas pelos exemplos e atitudes decorrentes do meio familiar: *"As crianças fazem o que elas veem os pais fazendo"*.

100% das adolescentes entrevistadas concordaram em afirmar que os pais devem ser mais firmes com as crianças, (não ser rudes ou não tratar com grosseria); caso contrário, quando chegarem à escola, não respeitarão as normas: *"Se os pais não forem firmes durante a infância quando chegar à adolescência não vão conseguir falar 'Não'; pois se a criança sempre viveu sem limites 'numa boa', nunca levou um 'não', chega na adolescência se revolta, na juventude quer sair de casa e acaba buscando em outras coisas o que não tem dentro de casa. Os jovens gritam por limites"*.

E completam que desde pequenas as crianças devem ser orientadas e monitoradas pelos pais e, quando os pais não estão em casa, essa responsabilidade deve recair sobre os irmãos mais velhos (adolescentes ou adultos), que devem estar preparados para isso: *"Tem de perguntar se pode mexer, tem de perguntar se pode." // "É difícil ensinar pra criança: não é não, sim é sim!" // "É difícil ensinar limites à criança, mas é necessário"*.

Baseando-se em tais evidências, concluiu-se que, para 100% das adolescentes a família e a escola devem andar de mãos dadas, embora cada qual possua uma função diferente em relação à educação da criança e do adolescente. O diálogo entre família e escola é necessário para que as crianças e os adolescentes caminhem seguros em direção ao futuro profissional e desenvolvam atitudes reais de cidadania.

4.2.2 Aspectos Favoráveis e Desfavoráveis Inerentes ao Ambiente Escolar Atual

No que se refere à convivência no ambiente escolar, houve concordância por parte de 100% das integrantes do GF que a escola - por abrigar pessoas de toda a comunidade, ou seja, alunos de diversas famílias, com crenças, valores e características variadas – acarreta tanto referências positivas quanto negativas.

Afinal, existem pessoas que são mais sensíveis, portanto, mais influenciáveis e que agem somente para agradar aos outros ou porque têm medo de perder as amizades - ou são deprimidas, trilhando por caminhos que muitas vezes não são bons: *"A escola traz pra gente diferentes perspectivas de vida, é na escola que a gente vê a realidade, quando a gente ta em casa, é a nossa realidade"*.

O GF defendeu também que, no ambiente escolar, conhecem-se pessoas que têm mais dinheiro, outras que não têm tanto, gente que é educada e gente que não é, outros que fazem as coisas visando ao bem dos outros, gente que faz tudo para machucar os outros, faz para humilhar e manipular, que gosta de ver os outros se sentindo mal: *"É na escola que você se depara com aquelas realidades que teus pais te falam lá em casa". // "A escola funciona como uma 'prova das coisas boas e ruins que existem'. Dependendo da educação que se recebe em casa, ou nos deixamos contaminar com as coisas ruins, ou ficamos do lado de fora somente olhando"*.

Em relação à grade curricular, que é composta por várias disciplinas, incluindo-se aqui, também os trabalhos em equipe – 12,5% elogiaram a iniciativa da escola, posto que faz com que as pessoas aprendam a conviver: *"No mundo não há como viver isolado"*.

Tomando essa citação como pressuposto, 100% das participantes declararam que a escola, além de proporcionar a base necessária para o mundo do trabalho, também dá prosseguimento à formação para a vida.

4.2.3 Melhorias que Poderiam ser Implementadas na Escola Atual a Fim de Melhorar o Aprendizado

Um dos destaques apontados pelas participantes nesse quesito foi a de que há uma diferença gritante entre o nível de ensino veiculado nas escolas públicas, principalmente nas escolas estaduais e a qualidade de ensino, nas instituições particulares.

Segundo 75% do GF, a maior parte das escolas particulares, apesar de os professores serem mais descartáveis do que nas escolas públicas - mantêm um compromisso mais acirrado com a aprendizagem: *"Os alunos não estão felizes com um determinado professor e a escola para não perder os alunos, trocam aquele professor por um que os alunos gostem mais"*.

As adolescentes não pretenderam desmerecer os professores e as filosofias das escolas públicas; porém defenderam que estes não assumem a mesma responsabilidade. Alegaram que as redes particulares de ensino possuem professores mais bem gabaritados, que incentivam mais, usam técnicas diversificadas (música, por exemplo) e fazem questão de que os alunos aprendam.

Destas, 12,5% também declararam que a falta de disciplina nas escolas públicas é bem maior do que nas escolas particulares. Afirmou-se que as redes particulares são mais atuantes nesse aspecto e conversam com os pais sobre isso. Defendeu-se, nesse ponto que a escola estadual precisa muito mais de disciplina do que a particular, pois sua clientela é bem mais carente de valores ou conhecimentos do que a da escola particular. Esta possui alunos oriundos de famílias mais bem estruturadas - tanto economicamente, espiritualmente como culturalmente. Recebem uma educação mais rigorosa em casa. Já os alunos das escolas públicas estaduais precisam urgentemente assimilar esses valores na escola, pois em casa geralmente não são instruídos com tanto rigor.

Tal pressuposto remeteu à falta de estrutura e despreparo dos professores das escolas públicas estaduais da cidade de Joinville, em que 50% das entrevistadas declararam: *"Tu não aprende tudo por completo, tudo o que eu aprendi no segundo ano, quando vim pra cá, eu já tinha aprendido na oitava e no primeiro ano lá em São Paulo". // " Na escola pública, se há um professor realmente convicto a motivar e a fazer o aluno estudar, ele é tido como chato." // "As escolas estaduais são um lixo!" // "Meu Ensino Médio foi num colégio estadual, foi péssimo, não que eu não tenha aprendido nada de novo; mas o nível de conhecimento em relação àquilo que eu aprendi até a oitava série foi muito mais fraco do que antes"*.

Deduziu-se que o governo estadual não está investindo o suficiente em Educação e isso desmotiva o próprio docente: *"O professor entra na sala sem empolgação, não diz bom-dia, passa matéria, passa qualquer coisa, explica de qualquer jeito, isso quando explica"*.

Sobre as causas desse problema surgiu um questionamento primordial: *"De onde vem a raiz desse problema eu não sei, se é do aluno, se é do professor, se é da sociedade? Existem alunos que não são bons, existem professores que não são bons e isso prejudica muito quando a gente entra no mercado de trabalho"*.

Por outro lado, 25% elogiaram o sistema de ensino adotado pela rede municipal de Joinville: *"Estudei do pré até a oitava série em colégio municipal, mas era ótimo. Vi muitas pessoas saindo de colégios particulares para estudar lá. Lá havia regras claras, tudo era muito bem organizado, a escola era limpa, desde o jardim até os banheiros. Havia aquele tipo de aluno que é 'vândalo mesmo'; mas ouvi muitos alunos do Colégio Adventista dizendo que ali estavam aprendendo mais coisas do que lá".// "O Município investe mais em educação do que o Estado"*.

Alguns aspectos no âmbito geral foram focalizados por 37,5% das participantes. Um deles disse respeito à questão da falta de respeito dos alunos em relação aos professores, que são a autoridade enquanto estão na sala de aula: *"Existem professores e professores, mas isso é muito banalizado, eles são os mestres que estão te ensinando, então se houvesse mais disciplina seria mais edificante para si mesmo, se aprenderia bem mais, você entenderia bem mais as coisas, você ficaria mais inteligente"*.

Nesse ponto 12,5% lançaram uma sugestão com o intuito de tentar amenizar esse problema, que seria a implantação da disciplina 'Ética', a qual é ministrada em alguns cursos da Faculdade: *"Esta disciplina deveria ser ensinada sempre, desde o início da vida escolar, como também em todos os cursos de Faculdade, e não somente em alguns, como ocorre"*.

Outras 12,5% destacaram que a escola está carente de conteúdos práticos, mais voltados ao cotidiano do aluno, conhecimentos que venham realmente a fazer parte da vida e/ou da profissão a ser exercida futuramente. Não ocorreu aqui uma crítica em relação às disciplinas, mas no que se refere aos assuntos que são tratados e ao modo pela qual são tratados: *"Falta muita coisa realmente, de conteúdo, de trato, de respeito - embora esses valores deveriam vir como bagagem com as próprias crianças do seio familiar - mas poderia ser feita alguma coisa prática, por exemplo: uma horta para ensinar sobre a questão do meio-ambiente, a cuidar, a ter esse amor pela natureza"*.

Sobre a desvalorização do professor como responsável pela aprendizagem e formação dos demais profissionais, 12,5% salientaram que na área da Educação (Cursos de Magistério) entra muita gente, pois considera de fácil acesso e de conteúdo pouco complexo. Citou-se que para ser médico não existe curso a distância, mas para atuar como professor sim.

Em contrapartida, outras 25% discordaram parcialmente, alegando que há muitos profissionais assumindo a função de professores, mas sem formação ou motivação para isso. São engenheiros, arquitetos, delegados, economistas e até médicos assumindo a função de docentes, pois não conseguem atuar em suas áreas de formação: *"Esse é o tipo de professor frustrado, pois seus primeiros sonhos não foram alcançados!"*. Há também professores formados no Magistério, principalmente aqueles concursados ou efetivados, que se acomodaram e não fazem questão de procurar novos recursos para investir em suas aulas: *"Pah, to concursado, to ganhando, por que vou ficar me preocupando então?" // "Oh, vocês se virem!"*.

4.2.4 Ocorrência ou não de Diálogo das Adolescentes com os Pais sobre Prevenção, DSTs, Gravidez e Sexualidade

Sobre essa questão 75% das adolescentes confirmaram que costumam conversar com os pais sobre esses assuntos, no entanto gostariam que houvesse mais abertura. Há alegações de que as mães costumam ouvir como 'amigas', mas orientam como se fossem 'professoras': *"É camisinha pra isso, gravidez não pode antes de tal idade..." // "O engraçado é que ela colocou um tipo de armadura na minha frente. Olha lá, Olha lá, não vai ficar grávida minha filha, por favor!"*.

Nesse ponto, inferiu-se que no tocante a essas questões 62,5% das adolescentes costumam conversar somente com as mães e 12,5% trocam ideias também com o pai e os avós.

25% das entrevistadas relataram que não sentem necessidade de conversar com os pais sobre essas questões e nunca o fizeram, pois já possuem uma 'cabeça bem formada' em relação a isso. Destas, 12,5% alegaram que sempre viveram num meio que expõe muito isso, pelo fato de serem bailarinas: *"O balé clássico expõe muito o corpo, nas apresentações, por exemplo, quando se troca de roupa, as pessoas se veem totalmente peladas, mas não há malícia, o pudor é perdido, mas de uma forma positiva". // "São valores que você tem, que você pega para você"*.

12,5% colocaram que tais decisões são regidas mais pelos princípios pessoais de cada um do que pela educação: *"Eu quero casar virgem, tem gente que acha isso ridículo, mas eu acho bacana"*.

Nesse ponto, inferiu-se que, segundo 100% das adolescentes, os pais ainda temem muito a questão da gravidez precoce nas meninas – por outro lado, falta diálogo para expor situações íntimas, do tipo: perda da virgindade ou uso de contraceptivos. A própria mãe, muitas vezes, nega-se a aceitar que as filhas cresceram e não as levam ao ginecologista, quando vão é porque outra pessoa as influencia a ir: *"É, nem devia ter acontecido ainda, devia ter contado"*.

4.2.5 Como as Adolescentes Encaram o Homossexualismo e o Bissexualismo na Pré-Adolescência e Adolescência

Sobre essa questão somente 50% do GF opinaram. Todas elas alegaram que não julgam ou condenam as opções sexuais pelo homossexualismo ou bissexualismo, sendo elas tanto por parte do sexo masculino ou feminino. Um dos argumentos levantados foi o de que se 'tratam de escolhas e/ou decisões pessoais'.

Em contrapartida, 25% defenderam que não consideram apropriado, afinal não é natural do ser humano. O ser humano foi feito para ser 'homem e mulher', e não homem com homem, mulher com mulher: *"Quem sou eu para ficar julgando a pessoa que tomou essa decisão, eu simplesmente respeito, converso, não tenho nada contra, mas não sou muito a favor"*.

12,5% alegaram que jamais atuam como 'juízas' nessa questão, mas não acham isso correto, afinal no meio em que elas vivem há inúmeros casos de homossexualismo *"elevado ao quadrado"*. Afirmaram que são bem críticas nesses casos, afinal a situação é séria, pois há amigos delas que são homossexuais e se escondem nisso: *"É bem complicado, hoje em dia há muitos casos!"*. Nesse ponto foi levantada uma crítica construtiva acerca dessa questão e, mais uma vez, a família natural é tida como a maior responsável pela formação do caráter dos filhos: *"Muitos valores foram perdidos nessa questão da sexualidade, é preciso rever alguns conceitos, lá na família, na base de tudo"*.

12,5% alegaram que possuem amigas lésbicas e convivem, inclusive com as namoradas das mesmas: *"Esse é um universo que eu conheço bastante, tanto pro lado feminino como pro lado masculino!"*. Elas defenderam que não são nem contra, nem a favor, não acham certo; censuram menos a opção pela homossexualidade do que as ditas 'modinhas': *"O que eu acho ridículo, errado, é modinha, ficar por ficar, nem por atração, só por curiosidade, agora parece que é legal menina ficar com menina, depois elas te olham e fazem cara feia!" // "Ah, vou ficar com uma menina só pra ver se é legal!"*.

4.2.6 Como Ocorre o Diálogo das Adolescentes com os Pais sobre Drogas Lícitas e Não Lícitas

No que se refere ao conceito de drogas, 80% das participantes concordaram que droga 'é tudo aquilo que vicia', não importando o fato de serem lícitas ou não lícitas: *"É um vício teu, que acaba consumindo as pessoas, pois não conseguem ficar sem". // "A droga faz mal para você mesmo e para as outras pessoas"*. As demais não opinaram.

Em relação ao diálogo com os pais sobre drogas, 100% alegaram que costumam trocar ideias sobre esse aspecto. Dentre estas, 50% afirmaram que a proibição do uso da droga pelos pais acaba servindo como 'chamativo', ou seja, acaba gerando ainda mais curiosidade nos jovens: *"A pessoa vai querer fazer porque não sabe como é"*.

Na verdade, elas defenderam que o mais inteligente por parte dos pais é dialogar, orientar, conscientizar: *"Faz mal, vicia, vai estragar!" // "Filha, vigia, cuida, porque não é legal!"*.

12,5% das participantes expuseram uma situação interessante que pode ilustrar muito bem o comportamento que os pais devem tomar em relação aos filhos, quando orientam sobre drogas: *"As crianças que são criadas de uma forma muito rigorosa, quando crescem se transformam. Cita-se o exemplo do 'pintinho' que é criado num lugar fechado. Ele cresce rápido, ele só come, então engorda, mas quando sai, cria uma força na asa e pode voar até dois metros de altura. Disso concluo: "Tudo que é muito solto ou muito preso, geralmente não dá certo, tem de haver equilíbrio nas coisas!"*. 37,5% das entrevistadas apoiaram essa colocação.

100% das participantes do GF concordaram que há muitos usuários de droga atualmente e não compreendem exatamente por que isso ocorre tanto assim em nosso meio: *"É muita maconha!". // "Parece uma coisa: tu sabe que está fazendo a coisa errada e mesmo assim tu faz"*.

Nesse ponto da discussão 12,5% das entrevistadas levantaram um aspecto bastante polêmico que envolve os usuários de droga. Salientou-se que ocorre, dentro da sociedade atual uma tendência a responsabilizar a classe mais baixa ou desfavorável economicamente a instigar, distribuir e utilizar drogas ilícitas: *"Uma coisa que é muito julgada é que falam que droga é coisa de baixo nível, baixa renda, de gente pobre" // "Eu tenho certeza, tem muito mais na escola particular do que na escola pública"*.

Tal ponto de vista foi defendido por mais 37,5% das participantes e remonta a uma questão a ser analisada de forma rigorosa; visto que gera preconceitos sociais em relação às crianças, pré-adolescentes e adolescentes menos favorecidos - os quais, por si sós - já são vítimas da miséria e da falta de oportunidades impostas pelo meio escolar e social.

Outro fator de suma importância discutido foi o da existência de muitos usuários passivos, tanto de drogas lícitas, como de drogas não lícitas. 12,5% das participantes relataram uma experiência nesse sentido e declararam que já fizeram parte de uma banda de reggae, no entanto, desconheciam o fato de que eram portadores de maconha. Certa noite, acompanhou-os até um clube noturno, onde todos passaram a fumar maconha: *"E todo mundo fumando...mas eu não sabia que eles fumavam". // "Passivamente eu estava fumando. Meu olho ardia muito"*.

Ela acabou ficando porque eram seus amigos, mas não fumou, não se deixou influenciar. Ela comentou depois com a mãe da colega, que respondeu: *"Você deve ter fumado muito mais, porque eles inspiraram e soltaram toda a fumaça!". // "Minha mãe deixou muito claro isso pra mim: Como é que tu sai, tu sabe que está te fazendo mal e mesmo assim tu vai com eles"*.

Sobre essa situação 100% das entrevistadas não discordaram do fato de que, dependendo do local que as adolescentes frequentam, o uso da droga pode ocorrer passivamente, vindo a afetá-las ainda mais do que aos próprios usuários: *"É difícil tu ver pessoas com cabeça formada. É que esse convívio/influência entre os amigos é muito forte"*.

Igualmente, 50% das entrevistadas demonstraram grande preocupação, pois muitos pais se esquivam de sua responsabilidade em alertar e monitorar os filhos ou simplesmente não sabem ou não foram preparados para lidar com essa situação: *"Os pais não veem? Fingem que não vêem? Fingem que não sabem?" // "Fingem que não sabem." // "Os pais identificam que tem um problema, mas não sabem o que é". // "Óbvio que não deve ser fácil para os pais descobrirem que a tua filha agora é uma usuária, então eles acabam colocando na cabeça deles, que não é verdade, que ela vai parar, tem isso também"*.

4.2.7 Depoimentos das Adolescentes sobre as Causas que Podem Determinar o Uso das Drogas entre as Crianças, Pré-Adolescentes e Adolescentes

As causas prováveis apontadas para que uma criança, pré-adolescente ou adolescente entre no mundo das drogas foram variadas.

25% sugeriram que a inserção nesse meio é determinada pela falta de formação moral e orientação que deveria vir dos próprios pais: *"Acho que é a falta desse conceito que vem desde casa" // "Às vezes não é nem a questão dos filhos, porque muitos pais não estão nem aí". // "Sei de colegas "esse negócio de escola" que a mãe encontrou drogas na bolsa umas duas vezes, e na primeira vez disse: - Se eu encontrar de novo eu vou te internar! - A mãe encontrou de novo e novamente pediu para parar, ou seja, não cumpriu com a questão da internação. Então os próprios pais estão perdidos"*.

25% defenderam que a adolescente encara a droga como um meio eficaz para fugir da própria realidade em que vive: *"É pobre, digamos, não tem nada, ela quer ser alguma coisa, quer fugir daquilo; então acaba sendo usuária para fugir da realidade dela. Ou tem tanto que não sabe mais o que fazer com o dinheiro, chega a sentir um vazio; então compensa com a droga porque acha que é legal ou não tem personalidade o suficiente e acaba se deixando levar, só porque os amigos fazem"*.

Outras 25% alegaram que os usuários de drogas são pessoas facilmente influenciáveis pelo grupo de amigos. Eles entram num grupinho e acabam sendo pressionados pelos amigos, acatando a todas as decisões e atitudes para agradarem ou continuarem a fazer parte da 'galera'. Então, a droga passa a ser um sinônimo de 'busca de aceitação', muitas vezes pela própria 'falta de aceitação ou desvalorização', dentro da própria família: *"Aqui ninguém me entende mesmo".// "Se você usar drogas eu te mato!" // "No meu colégio teve um guri que foi internado por causa da cocaína. Ele viu todos os amigos dele indo pro buraco, então quando percebeu que não tinha mais jeito, ele mesmo decidiu se internar. Daí que os amigos viram: - Poxa, ele que era o 'bonzão', que trazia pra gente, agora deu problema e ele decidiu se internar"*.

As demais 25% disseram que há muitas adolescentes que precisam 'chamar a atenção o tempo todo' e para conseguir, usam as drogas como instrumento. Nesse ponto, a droga pode servir de alívio para o tédio, solidão e/ou para a depressão que as adolescentes sentem, por questões familiares ou até mesmo por problemas de relacionamento enfrentados na escola: *"Na sala de aula tem muita gente que usa maconha!". // "Não só maconha, mas bebida, cigarro"*.

Disso, inferiu-se que, de qualquer forma, a droga serve para preencher um vazio existente na vida do jovem, é uma forma enganosa de eliminar um problema. Infelizmente, a própria ilusão se alimenta de utopias e, nesses casos, dificilmente alguém que entra no vício consegue sair facilmente, como se pôde inferir do seguinte depoimento: *"Louco nunca vai admitir que é louco; viciado nunca vai admitir que é viciado, só se estiver num ponto super extremo: - Mas capaz, eu posso parar quando eu quiser"*.

Apesar de não estar diretamente atrelada à questão do uso de drogas por adolescentes, numa última instância do debate, 25% do GF levantou-se um aspecto em especial, dirigido aos pais, mais exatamente ao exemplo dos mesmos em relação aos filhos menores: *"Meu pai não é viciado em droga, mas é viciado em álcool desde a minha infância. Meus pais se separaram quando eu tinha 3 anos. Depois, quando eu tinha 7 anos, minha mãe casou com meu padrasto. Hoje meu pai tem 52 anos e eu tenho 18 e ele ainda é viciado em álcool. Ele fala pra gente: - Essa é a última, essa é a última e não consegue sair – a não ser que tenha uma força maior lá em cima pra ajudar..."*.

4.3 POLÍTICA E CIDADANIA

4.3.1 Depoimentos sobre qual é o Aspecto Considerado mais Importante para o Futuro das Adolescentes

Quando questionadas sobre o que consideram mais importante para o futuro, 50% das participantes defenderam a ideia de que 'uma boa formação profissional e moral' contribui para a estruturação de uma boa família e para ser realmente feliz: *"Quero ter uma profissão que eu gostar, que me faça bem e também faça bem pros outros". // "Eu quero ter mais caminhos, mais meios de conseguir o que eu quero".// "Na minha profissão (professora) quando se tem conhecimento erra-se menos"*.

12,5% salientaram que a geração anterior, no caso, seus pais passaram por muitas dificuldades. Alegaram que estão estudando, pois não pretendem enfrentar os mesmos problemas deles.

4.3.2 Momento Adequado de as Adolescentes Assumirem um Trabalho Formal e quais as Vantagens e Desvantagens

Apenas 37,5% das participantes estão trabalhando e/ou estagiando no momento e, inicialmente, somente elas elencaram seu ponto de vista sobre a questão abordada. As demais 62,5% não se pronunciaram.

Dentre elas, 25% defenderam que a melhor forma de pôr em prática os conhecimentos teóricos, adquiridos durante a faculdade ou cursos técnicos, é por intermédio do trabalho: *"Tu tem uma dúvida no trabalho e tira na aula, e vice-versa!".// "Na teoria é uma coisa, na prática é outra". // "Trabalhar é necessário, isso te dá capacidade de decidir e trabalhar com aquilo que tu gosta". // "Não falta serviço, falta mão-de-obra qualificada!"*.

As demais 12,5% alegaram que, apesar de estarem atuando numa função diferente daquela pretendida ou estudada, sentem-se importantes ao trabalhar. Colocaram também que, por meio dessa função, estão começando a ter noções das coisas, de como será a realidade depois que enfrentarem realmente o mercado de trabalho, dentro de sua área de atuação: *"Tem gente que diz: - Ah não, só vou começar a trabalhar depois de me formar".// "Antes era tudo fácil eu acordava tarde todos os dias, agora tenho de acordar às 6h30min da manhã". // Cansa um pouco? Cansa, porque eu estudo à noite e estava acostumada a acordar tarde todos os dias". // "Tem gente que é muito folgada.Tem gente que quer um trabalho pra ganhar tanto, quer que tenha isso, quer que tenha aquilo, não conquista". // "Tem de ir descobrindo mesmo como é que vai ser depois, na hora que tu for procurar um emprego em que realmente tu queira ficar".// "Quando é hora de trabalhar? Na hora que precisa. Na hora que vai ter necessidade".// "Nem sempre tem estágio na área que tu quer, então tu faz estágio na área que tu não quer mesmo"*.

Dentro dessa perspectiva, mais 25% do GF intervieram colocando que, trabalhar antes de formar-se na área desejada, não é necessariamente obrigatório; mas na maioria das vezes a situação obriga: *"O negócio é começar a trabalhar, mesmo que não seja na área desejada. Não é o que se quer, mas às vezes acaba acontecendo". // "Geralmente a pessoa que está estudando e não tem dinheiro para se manter acaba aceitando qualquer coisa". // "Se a pessoa pensar assim: vou topar qualquer coisa que vier, não estou a fim de arranjar um emprego... beleza; mas se ela focar assim: não, eu quero arranjar um trabalho na minha área, então vou correr atrás, ela consegue"*.

Outra questão primordial abordada a partir daí e referiu-se ao primeiro emprego do(a) adolescente. 37,% comentaram que é preciso tomar cuidado em relação ao primeiro trabalho formal ou informal, pois tem muita empresa querendo explorar o trabalho dos jovens aprendizes, exigindo muito e pagando muito pouco. Por outro lado, muitos adolescentes são privilegiados logo no primeiro emprego. Por esse motivo, sempre que possível é apropriado estudar e, paralelamente, exercer aptidões dentro da própria área pretendida: *"Tem que vê que a vida são passos, tu não vai dar um passo imenso e sair já lá no topo". // "Não é amanhã que eu vou terminar a faculdade e já vou sair sendo gerente de alguma coisa, sabe!". // "Tem gente que eu conheço que no primeiro emprego já tem sorte. Depende do foco da pessoa"*.

Sobre o preconceito no primeiro emprego, 25% das entrevistadas comentaram que 'garçom', por exemplo, é tido como trabalho de pouco valor. Há também empresas que contratam somente homossexuais (salões de beleza, por exemplo). Meninas gordinhas ou que não sejam bem apessoadas, negras ou mulatas, geralmente, não são aceitas em determinadas empresas: *"Eu já não consegui trabalho por causa da cor." // "Os gays tem uma qualidade marcante, principalmente os jovens: eles são muito amigos, parceiros de trabalho e companheiros. Sou crítica, não concordo com o homossexualismo, mas não deixo de amá-los, de compartilhar as coisas com eles"*.

Nesse ponto do debate, 25% das adolescentes que ainda não haviam se posicionado a respeito dessa questão, alegaram que o trabalho vinculado ao estudo vai gerando maiores responsabilidades e preparando para uma vida mais madura: *"Tem de lutar por aquilo, tem de sofrer muito pra conseguir!"*.

Mais 25% das entrevistadas passaram a integrar os debates e completaram falando da importância do estágio, exigido em alguns cursos como meio de aquisição de experiências na própria área em que irão atuar profissionalmente: *"Por exemplo, o engenheiro: Como é que o engenheiro vai se formar, vai assumir algum projeto se nunca trabalhou na área, se nunca teve noção?". // "Então o estágio é a maneira que tu vai saber a realidade". // "Sala é uma coisa, teoria é uma coisa, prática é outra"*.

Quando questionadas sobre a importância da realização de cursos profissionalizantes e/ou de graduação após o Ensino Médio, 50% das participantes relataram suas opiniões sobre esse aspecto - e foram divididas.

25% defenderam que é melhor trabalhar antes de fazer um curso de graduação ou profissionalizante a fim de adquirir experiência e manter contato com a realidade do mundo do trabalho: *"Eu posso adiar alguns planos, uns eu posso realizar antes, outros depois"*.

As demais 25%, no entanto, defenderam que - como hoje o mercado de trabalho é muito competitivo - os mínimos detalhes é que vão se destacar sobre os outros, qualquer informação a mais vai fazer a diferença: *"Para ser um gari tem de ter Ensino Médio. Uma pessoa que só tem o Ensino Médio vai crescer como?"* E continuou: *"Hoje qualquer um ta fazendo faculdade, tem até a distância". // "Esses mínimos detalhes é que vão fazer a diferença". // "O estudo é importante também porque ele te dá a capacidade para trabalhar naquilo que tu gosta, e trabalhar é necessário!"*.

4.3.3 Importância de a Adolescente Exercer o Direito de Votar aos Dezesseis Anos

Quando questionadas sobre a importância de exercer ou não o direito ao voto aos dezesseis anos de idade, 87,5% defenderam que é preciso votar, ou seja, apesar de poderem escolher em 'não votar aos dezesseis anos', preferem exercer esse direito que lhes é concedido.

Somente 12,5% alegaram que não votariam, somente se fosse obrigatório, e completaram, demonstrando certa aversão aos políticos e à politicagem: *"Eu tenho 18 anos e só vou votar porque sou obrigada! Não que eu não goste da política, eu não gosto nem de político. Eu acho que em nosso país só cresce o que já está bem, o que não está bem continua na mesma situação. Eu não vejo muitas mudanças positivas no Brasil não. Eu ando meio desacreditada"*.

O debate prosseguiu envolvendo ativamente 50% das integrantes do GF, dentre as quais 37,5% praticamente 'tomaram as rédeas' da discussão por demonstrarem estar bastante politizadas em relação às demais entrevistadas: *"Meu pai é amigo do prefeito e conhece muitas pessoas que são petistas. Então, eu sempre tive muita influência política. Desde nova eu aprendi a importância de votar". // "O Brasil não era reconhecido. Para os Estados Unidos e os países estrangeiros, a gente aqui era índio. Hoje eles falam do Brasil." // "Eles pensavam que o povo brasileiro era um pouco mais primitivo, não era um povo que se desenvolveu." // "Então eu tive muita sorte de entrar no meio político, porque assim eu consigo enxergar bem as coisas, sabe!" // "Acho que tu deve exercer o teu direito de cidadão, pois como tu vai reclamar depois de um governo que tu nem optou, nem votou"*.

12,5% das participantes interpelaram e argumentaram afirmando que o voto, de uma forma ou de outra, é uma questão de escolha - mesmo quando obrigatório - pois continua sendo uma questão de escolha, afinal existe a possibilidade de se votar em branco ou anular o voto.

Sobre o governo Lula, 12,5% apoiaram fervorosamente as decisões do Presidente da República: *"O Brasil hoje está muito melhor do que há alguns anos atrás. Não é pelos meus pais, mas eu realmente acho que o presidente Lula fez um bom trabalho. Não tem nada a ver com o partido. Tinha tanta coisa escondida no Senado e só começou a vir a tona a partir do momento que o Lula entrou. Eu defendo o Bolsa-Família, embora muitas pessoas falem mal, pois eu tenho certeza de que para muita gente o Bolsa-Família é muito importante!". // "Então é assim, se a gestão que está aí é boa, se eu quero que ela continue, então eu vou ter de arriscar, tentar fazer a diferença e votar"*.

Convém destacar que, dentre as participantes, somente 12,5% não possui idade suficiente para exercer o direito ao voto, pois está com 15 anos de idade. Talvez por essa razão, manteve-se em silêncio, somente como espectadora.

4.3.4 Importância de a Adolescente Exercer o Dever e o Direito de ser Cidadã e o que o Poder Público Pode Fazer para Contribuir Nesse Sentido

Quando questionadas sobre como é possível o adolescente exercer o dever e o direito à cidadania com o intuito de contribuir para a melhoria da própria sociedade, 75% do GF participaram ativamente da discussão.

37,5% alegaram que o povo joinvilense precisa ser mais bem preparado para atuar de forma politizada dentro da comunidade. Isso envolve, principalmente os jovens: *"Primeiramente tem que conscientizar os jovens, pois a maioria não é politizada: - Ah vou votar por votar, que diferença vai fazer?"*.

Dentre estas, uma das participantes relatou que faz parte da Juventude do PT. Segundo ela trata-se de uma reunião de jovens - juntamente com os coordenadores - a fim de discutir sobre o que está faltando na cidade: o que os jovens estão buscando de melhorias, o que está crescendo e o que precisa melhorar. Dentro disso, é montada uma planilha que é levada à Câmara, para ser votado: *"Basicamente é isso que a gente faz: buscar melhorias pra juventude"*.

12,5% ainda defenderam que, atrelada à essa falta de envolvimento no processo que envolve a vida pública e à essa incapacidade de reconhecer a importância do pensamento ou da ação política – está também a falta de cultura, a alienação e a falta de interesse da maioria dos joinvilenses: *"Antes de eu vir de São Paulo pra Joinville, achava que o povo joinvilense entendia tudo sobre balé e cultura e quando cheguei me decepcionei. Exemplo: Um espetáculo ótimo acontecendo de um grupo de franceses no meio da praça, o melhor espetáculo que eu já assisti, e olha que eu não assisti poucos espetáculos...e eu disse assim: - Cadê a galera? Não tem! Não tem! // "Deve-se investir mais em cultura!"*.

A partir desse ponto mais 25% do GF concordaram com a questão levantada anteriormente e completaram afirmando que falta incentivar a cultura em Joinville. Há poucos eventos nesse sentido e, quando ocorrem praticamente não são divulgados: *"A própria Cidadela Cultural aqui do lado, ninguém faz nada ali. Na Cidadela há um espaço bom, um espaço grande. Até tive uma professora que tirava fotos e expôs ali. Ocorrem exposições ali, mas não há divulgação. As pessoas não ficam sabendo". // "Outra questão que fica na cabeça das pessoas daqui é que: Ir ao museu é chato!"*.

4.3.5 Como que o Poder Público Pode Contribuir para Melhorar a Qualidade de Vida das Crianças, Pré-Adolescentes e Adolescentes

Essa discussão teve como pressuposto o seguinte depoimento: *"Uma pessoa sozinha não tem muito como contribuir, ainda mais se essa pessoa não tem influência"*.

Isso denotou que o jovem atual não acredita muito no Poder Público como sendo o verdadeiro defensor dos direitos do cidadão. O que ocorre é a crença de que somente quem está ligado diretamente aos governantes ou está incluído no meio político é que tem condições de conseguir alguma melhoria: *"O poder público hoje é complicado, eu sei, não é fácil!"*.

Questionadas sobre o tipo de investimento mais urgente do Poder Público para a melhoria da qualidade de vida dos jovens, 75% das participantes retomaram a questão de que faltam investimentos em Educação e Cultura: *"É preciso começar nas escolas. A estrutura da escola municipal, por exemplo, é bem melhor do que a da escola estadual"*.

Salientaram ainda que o povo joinvilense é alienado em relação à arte. Não está preparado ou não possui maturidade para interpretar e compreender o que está por trás de uma tela ou de uma apresentação artística (dança, por exemplo): *"Chega perto do Festival de Dança aí falam que Joinville é a 'A cidade da Dança', mas a Cidade da Dança só funciona em julho". E o resto do ano?". // "E o Bolshoi fica aqui em Joinville!"*.

Para complementar essa falta de noção acerca da cultura e da arte, uma das participantes citou que na Faculdade ela está cursando uma disciplina chamada História da Arte e declarou: *"Você olha um quadro e acha ele medonho, ridículo, mas quando você sabe a história do autor e o contexto em que ele foi pintado tu começa a olhar com outros olhos"*.

Nesse ponto do debate, citou-se o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, como um exemplo bem-sucedido de investimento na área cultural, mais diretamente no tocante aos museus. Disso, inferiu-se que há maneiras de atrair esse 'outro público': sem conhecimento, sem noções culturais. Basta para isso que se usem alguns chamativos como aqueles utilizados no Museu da Língua Portuguesa. É necessário que os museus abusem da criatividade e da variedade - e que não se mantenham sempre iguais, que tenham vida e vida em abundância, que se transformem para também transformar a ignorância em sapiência: *"Lá é diferente, tem luzes, é criativo, não é monótono, não tem cheiro de mofo, não é sombrio, tem aquela tela onde você junta as letras, está sempre cheio de crianças". // "Quer que todas as pessoas participem desse meio, então vamos começar a tornar isso acessível!"*

A questão da falta de estrutura para a prática do 'lazer' em Joinville foi defendida por 62,5% das participantes. O zoobotânico foi citado por elas como um lugar que gostam de ir, no entanto, faltam novos atrativos, os animais e as trilhas são os mesmos, falta conservação do local: *"Só tem um jacaré e acho que já ta morto!". // "É uma coisa que é legal, é um lugar que num dia de calor é muito bom de ir"*. As mesmas opiniões foram apontadas no que se refere aos parques joinvilenses.

12,5% das entrevistadas contestaram e defenderam que há investimentos mais urgentes e necessários a serem feitos na cidade. Citaram a falta de estrutura na saúde pública e a necessidade de investimentos significativos nessa área: *"Tem tanta gente que espera, tem dificuldade, não adianta pôr um monte de gente prá passear e se divertir (lazer) e esquecer-se do que é básico"*.

4.4 ESPIRITUALIDADE

4.4.1 Importância de Trabalhar uma Orientação Espiritual Durante a Infância, a Pré-Adolescência e a Adolescência

Quando questionadas se possuem ou seguem alguma crença religiosa e/ou orientação espiritual, 25% responderam que são evangélicas, 25% são cristãs, 12,5% são católicas e 25% não pertencem a nenhuma designação religiosa.

Dentre as entrevistadas cristãs e evangélicas, 25% declararam que se frustraram muito com alguns conceitos da igreja católica e que é difícil crer numa religião, principalmente pelo modo como esta atuava já durante a Idade Média: *"Eu acredito em Deus, ainda não sou ateia, só que não acredito na igreja católica"*.

Quando questionadas sobre a importância de possuir uma religião ou orientação espiritual, seja ela qual for, 100% das entrevistadas responderam que é muito importante: *"Não faz sentido você estar aqui se não acreditar numa força maior. Já é difícil pra gente entender as coisas acreditando em algo, imagina se não acreditar em nada"*.

Nesse ponto do GF surgiu uma discussão acerca do conceito de Deus, em que foi citada a obra A Cabana: *"Às vezes, a gente tem Deus assim como um ser que protege, mas não como um amigo, como um pai. Aquele livro te aprofunda, porque é pra tu ser amigo de Deus"*.

50% das entrevistadas concordaram com essa colocação e complementaram afirmando que se pode conversar com Deus. Algumas pessoas encaram o Pai como algo inalcançável, mas Ele está sempre presente, é possível contar com o Senhor no nosso dia-a-dia: *"O Espírito de Deus pode ungir as pessoas que creem Nele. Às vezes, tu estás com um amigo e ele está com Deus, por isso te passa tanta segurança. Por isso Deus pode estar em todos os lugares"*.

Ao discutirem sobre o conceito de igreja, 12,5% afirmaram que não conseguem encarar a igreja (templo) como um refúgio ou como um lugar para encontrar a paz, pois essa paz é encontrada dentro de si mesmas.

Nesse ponto, outras 25% passaram a integrar os debates e completaram dizendo que a igreja, na verdade é constituída pelos seus membros, ou seja, pelas próprias pessoas, e que Jesus é o cabeça. Então, não faz sentido utilizar igreja como sinônimo de templo ou sinagoga: *"A igreja em si somos nós, ali (o templo) é apenas o local onde a gente se reúne para compartilhar coisas, e tudo mais". // "Nós somos os membros, é como um corpo, e os membros estão em todo lugar". // "A igreja está mesmo dentro da gente, e a gente tem de estar sempre de bem com nosso interior e com Deus, a gente precisa dar mais valor pra Deus, porque Deus dá muita coisa pra gente e a gente não enxerga isso"*.

12,5% das entrevistadas alegaram que não existe religião perfeita. O que mais importa, acima de tudo, é que as pessoas precisam amar ao próximo e não se frustrar tanto com os outros, já que todo mundo tem defeitos: *"Algumas igrejas querem pessoas perfeitas"*.

Dentre as entrevistadas que afirmaram não pertencer a nenhuma designação religiosa, 12,5% explicaram que foram batizadas na igreja católica, mas não tiveram interesse em fazer a Primeira Comunhão nem a Crisma, até chegaram a fazer parte de um grupo de jovens, mas não deu certo. 12,5% revelaram que não têm religião, porque não gostam, apesar de serem cristãs há dois anos, não são ligadas a costumes, e sim a Deus e àquilo que a Bíblia ensina.

5 PERFIL DO GRUPO FOCAL COMPOSTO POR ADOLESCENTES E JOVENS DO SEXO MASCULINO DE 15 A 21 ANOS

Este *focus groups* destacou-se por ter contado com a presença de todos os convidados para a sessão, incluindo onze integrantes, todos residentes no município de Joinville.

No que se refere à idade dos participantes, 27,3% possuem 18 anos de idade; 27,3%, 17 anos; 18,2%, 16 anos; 18,2%, 15 anos e somente 9% possuem 21 anos, ou seja, já são jovens adultos.

90,9% dos entrevistados estudam. 81% deles estão cursando o Ensino Médio e 9% estão no segundo ano de faculdade de Engenharia Civil.

Dentre os que fazem o Ensino Médio, somente 9% estudam em escola particular, os demais 72% frequentam colégios públicos estaduais, localizados, em sua maioria, nos bairros onde residem, já que em Joinville não há escolas em nível de segundo grau entre as instituições municipais.

Dos 82% entrevistados, 36,3% estão no terceiro ano do Ensino Médio; 36,3%, estão cursando o primeiro ano e somente 9% estão no primeiro ano.

45,5% dos adolescentes já estão trabalhando. Dentre eles, 18,2% atuam como estagiários em agências bancárias e os demais 27,3% atuam em empregos formais.

36,3% dos entrevistados declararam que, além de estudar, também trabalham. Dentre estes, 9% além de trabalhar e estudar, ainda fazem curso de Ajustador Mecânico no SENAI, ocupando os três períodos do dia.

18,2% declararam que além de estudar e trabalhar também participam de comunidades evangélicas, atuando a serviço da igreja.

Somente 9% dos participantes somente não estudam no momento e outros 9% já finalizaram o Ensino Médio e ainda não decidiram o que vão cursar na Faculdade.

Quando questionados sobre "Com quem moram", 18,2% moram com a mãe e os irmãos, sendo, portanto filhos de pais separados. 63,5% moram os pais e irmãos, fazendo parte de famílias naturais estruturadas. 18,2% residem com os tios e os primos, são filhos de pais separados.

Somente 18% dos entrevistados são filhos únicos. 82% dos adolescentes entrevistados possuem irmãos e/ou irmãs. Dentre estes, 72% possuem irmãos mais velhos e 10% somente irmãos mais novos.

O número total de irmãos, envolvendo todas as entrevistas é de vinte. Dentre os quais 40% são do sexo feminino e 60% são do sexo masculino. Considerando a faixa etária, 10% são crianças, 5% são pré-adolescentes, 5% são adolescentes e 80% são adultos.

Quando questionados sobre a idade das mães e dos pais, somente 77% se pronunciaram. Destes, 53% responderam que a faixa etária das mães é de 38 a 44 anos de idade. 24% das mães possuem entre 46 a 52 anos.

Sobre a idade dos pais, 38,3% dos participantes declararam que possuem entre 38 a 40 anos, 31% que possuem de 50 a 55 anos de idade e somente 7.7% possuem 63 anos de idade.

No que se refere ao nível cultural e de consciência crítica acerca das questões debatidas, 50% dos adolescentes demonstraram estar bem conscientes de seus direitos e deveres como cidadãos e, pela desenvoltura e maturidade durante o *focus groups*, evidenciou-se que estavam bastante seguros e cientes de seu papel, tanto em relação à família quanto no tocante à comunidade em que estão inseridos.

5.1 FAMÍLIA

5.1.1 Conceito e Significado de Família

Sobre essa questão, somente 55% dos entrevistados opinaram. Dentre estes, 40% concordam com o fato de que para existir uma família é necessário que haja laços consanguíneos e que as pessoas convivam cotidianamente na mesma casa.

10% discordam, alegando que o laço consanguíneo é desnecessário, Defendem, no entanto, a ideia de que é preciso viver juntos, ou melhor, ter essas pessoas como referência ou porto seguro: *"Se você resolve ser independente, você tem para onde voltar, que no caso seria a família essa tua referência, teu ponto de partida"*.

5% dos participantes alegam que a família é formada pelos responsáveis em te dar estudo e ensinar os conceitos morais.

5.1.2 Pessoa da Família que Serve como Exemplo de Vida

Sobre essa abordagem houve 100% de participação, sendo que 90,9% citaram uma pessoa como modelo. Um dos participantes, porém alegou que não toma nenhuma outra pessoa como referência: *"Eu não vejo ninguém como exemplo de vida. Nem na família e nem fora. Eu não penso em ser como tal pessoa"*.

27,3% citam os pais (pai e mãe) como exemplo de vida, principalmente porque são eles que trabalham para sustentar os filhos desde que eram pequenos, batalhando para proporcionar uma vida melhor à família: *"Meus pais, porque batalham bastante para conseguir o que querem, antes tinham poucas coisas agora já têm mais. Lutam para os filhos terem uma educação melhor"*.

18,2% indicam a mãe como referencial de vida, pois as encaram como grandes guerreiras e/ou companheiras: *"O legal da minha mãe é que nós conversamos muitos, a gente não tem limites de perguntar e tal....e ela está sempre pronta para responder...Isso é muito bom, essa troca de informações"*.

18,2% alegam que as figuras paternas são tidas como exemplo de vida, pois apesar de terem saído de um padrão de vida bem mais baixo do que se encontram hoje, conseguiram encaminhar todos os filhos para um caminho bom, deixando-os numa situação financeira razoável: *"Ele é analfabeto, mas não é ignorante". Não teve estudo, mas tem conhecimento: Cada dia que eu passo com ele, aprendo muita coisa! Apesar de ele não expressar sentimentos, ser meio rude, é uma pessoa boa e é minha referência"*.

9% citam a avó como exemplo de mulher guerreira que criou os filhos sozinha, após ter abandonado o esposo. 9% citam o irmão, que foi vítima de uma bala perdida e conseguiu superar o ocorrido com valentia.

Dentre os que citaram uma pessoa como referência de vida, somente 9% não fez referência a uma pessoa da família, citando um cantor, escritor e compositor norte-americano, cujo nome de nascimento é Richard Meyers e nome artístico, Richard Hell: *"Ele é um exemplo de vida para mim porque negou o estilo de vida que todos queriam, aproveitou a vida dele, fez o que ele quis e não o que os outros queriam que ele fizesse. Ele soube aproveitar a beleza e é o único da década de 70 que continua atuando"*.

5.1.3 Relacionamento dos Adolescentes com os Familiares

72% dos integrantes do grupo focal alegaram que o relacionamento familiar, na maioria das vezes, é difícil: *"Quase sempre é difícil, porque enchem muito o saco" // "É mais difícil do que fácil". // "No meu caso é difícil, porque minha mãe é autoritária demais e meu pai é meio desligado". // "Às vezes é difícil ou é fácil, em função de determinadas situações, porque depende da pessoa". // "É chato, pois começam a pegar muito no teu pé, a encher muito o saco. Só é bom quando ta todo mundo feliz...tudo em paz"*.

9% declararam que o relacionamento acaba se estreitando mais com aquelas pessoas com as quais convivemos todos os dias, ou seja, com aquelas pessoas que se mantêm um contato no dia-a-dia, afinal marcam mais a tua vida: *"Quando eu tinha dez anos, meu pai foi para Portugal e ficou lá quatro anos. Então, dos dez até os catorze anos eu só tive a minha mãe e o meu irmão. Não que eu me desapeguei do meu pai e tal, mas o meu ponto de referência não era mais meu pai nesse período"*.

19% não se posicionaram sobre essa questão.

5.1.4 Maior Dificuldade dos Adolescentes no Tocante ao Relacionamento com os Pais

Tomando como ponto de partida a convivência familiar no dia-a-dia, 82% declaram que a maior dificuldade enfrentada em relação aos pais é a falta de paciência: *"Paciência de ambas as partes". // "Muita paciência!" // "Eu trabalho, chego em casa e começo a ouvir reclamações do tipo: arruma a casa, lava a louça.....mas eu não posso, eu trabalho". // Sábado e domingo tu quer ta com os amigos, pois fica a semana inteira estudando. // "Os pais reclamam porque tu tem de ter mais tempo para passar com eles"*.

Dentre os participantes, 27,3% completam que esse problema, na maioria das vezes, acaba desmotivando o próprio adolescente a voltar para casa, principalmente no caso daqueles que estudam e/ou trabalham o dia todo: *"Tu chega em casa e quer ir dormir direto. Então chega o pai e a mãe e começam a encher o saco: Ah lava a louça, tu não faz nada, vá arrumar o quarto, vá arruma isso e aquilo ou vá estudar pra uma prova ou coisa assim, só que é cansativa a rotina". // "Isso é verdade, apesar de nós estarmos sentados e não estarmos suando a camisa, isso cansa, teu corpo fica exausto"*.

18,2% defendem que os pais são bastante liberais e compreensivos nesse sentido, visto que percebem que os filhos possuem uma rotina acelerada e cansativa: *"No meu barraco é sossegado". // "Eles não cobram esses serviços domésticos, não que eu seja vadio, porque eu trabalho pra caramba. Pra mim os meus pais são bem gente boa"*.

5.1.5 Conceito e Importância dos Valores Morais e Éticos

Nessa etapa da discussão apenas 54,5% dos entrevistados participam das discussões.

Sobre a diferença entre moral e ética, 27,3% defendem que a moral compreende aquilo que a sociedade toma como atitudes corretas e não corretas a fazer. Já o valor ético é mais natural e individual, relacionando-se àquilo que cada um sabe que é certo ou errado; visto que pode vir a prejudicar o relacionamento com as outras pessoas: *"O valor moral muitas vezes é imoral, o ético não". // "Os valores éticos são nossos princípios". "Eticamente todos são livres, moralmente tem muita lei aí que te impede de ser livre. Eu acho que moral pra mim não vale, as leis pra mim não são confiáveis. A ética é que é confiável"*.

Somente 9% dos entrevistados defendem que os padrões morais são necessários para a sociedade funcionar sem que haja transgressão e desconforto entre as pessoas.

Quando questionados sobre *"quais os valores morais e éticos mais importantes, seja de cunho pessoal ou social"*, os mais citados foram: respeito à privacidade, igualdade, não interferir na liberdade das pessoas e aceitação das diferenças.

Resumindo, 63,5% defendem que a moral e a ética possuem uma relação estreita com a arte do relacionamento humano, de tal forma que se deve tratar as pessoas da mesma forma que se deseja ser tratado: *"Pra dar um exemplo de vida tu não pode prejudicar as outras pessoas para o próprio bem. Isso é errado"*.

Nesse estágio do debate, 9% dos entrevistados discordam desse ponto de vista, pois alegam que, de certa forma, esse negócio de tratar bem alguém, pois também deseja ser tratado bem denota certo egocentrismo: *"Eu penso assim: Eu quero tratar ele assim porque eu acho que é certo tratar uma pessoa assim, porque ele é um ser humano e tem sentimentos"*.

5.1.6 Depoimentos sobre como Deve Ocorrer o Namoro Durante a Adolescência

Inicialmente 100% dos adolescentes demonstraram certo constrangimento diante do questionamento. Somente 45,5% dos participantes declararam estar namorando no momento, sendo que os depoimentos, em sua maioria se restringiram a eles.

Todos concordaram que, quando há sentimentos e consciência vale tudo, inclusive relações sexuais, no entanto o namoro em si começa, normalmente com conversa e beijo: *"É normal!" // "Se a criança quer? Quem nunca brincou de médico? Se a criança tem consciência do que é sexo e quer fazer, pode fazer, eu não vejo nada de mais"*.

5.2 ESCOLA E SOCIEDADE

5.2.1 Papel da Escola na Sociedade Atual

Sobre a função da escola na sociedade atual somente 45,5% dos integrantes do GF opinaram. Dentre eles, 36,3% defenderam que o principal papel da escola é o de cumprir com o currículo inerente a determinados cursos.

Alegou-se também que, normalmente, até o final do Ensino Médio a maior preocupação dos educadores é fornecer os subsídios para dar conta dessas matérias, consideradas básicas. Depois disso, cabe ao aluno buscar maior formação por meio de um curso técnico ou faculdade: *"A escola deve passar o conhecimento que você vai usar no futuro, o conhecimento acadêmico e o que a sociedade exige, por exemplo, como agir com bom senso". // "Aí se você quer outra coisa, outro conhecimento, vai lá e faz um técnico, uma faculdade, aí sim você vai ter uma visão de tudo"*.

Nesse ponto do debate, 9% complementaram que, apesar do currículo, a escola não pode ser considerada a única forma de fornecer uma base, ela funciona apenas como um começo: *"Conhecimento se adquire em qualquer lugar, pega um livro na biblioteca, na internet, conversa com alguém. Então o colégio, na verdade, deve servir pra me provar que eu to preparado para a sociedade"*.

Outros 9% também defenderam que as escolas, atualmente, não estão muito preocupadas em 'formar' as pessoas, ou melhor: *"No meu colégio, eles não moldaram a minha personalidade, eles não me prepararam para o futuro"*.

5.2.2 Aspectos Favoráveis e Desfavoráveis Inerentes ao Ambiente Escolar Atual

Quando questionados sobre os aspectos positivos e negativos dentro do contexto da escola vigente, o único aspecto favorável apontado (9%) foi o da convivência com os amigos: *"É divertido conviver com os amigos"*.

O debate seguiu contando com a participação de 54,5% dos integrantes do grupo focal. O tema central das discussões foi o das regras impostas pelo sistema educacional: *"É um aspecto negativo obedecer às regras da escola. Aí mata o cara".// "Tem regras ridículas, tipo no município não pode usar boné, nem virado pra trás e no SENAI onde eu estudo pode. E qual é a diferença?". // "No município não pode, pois os professores alegam que vai atrapalhar o conhecimento, vai tirar tua concentração, causar distração; mas no SENAI pode"*.

A partir dessa regra sobre o uso ou não do boné na sala de aula, o grupo focal começa a argumentar sobre a validade de algumas regras em detrimento de outras.

Um percentual de 18,2% dos participantes alega que o uso do boné até pode não ser considerado compatível em determinados ambientes fechados, como em fóruns e igrejas, por exemplo: *"Pode até ser não ético usar um boné na sala de aula, mas qual é o problema cara?". // "A diferença é a linguagem no caso, se eu usar um boné virado pra trás vai atrapalhar meu pensamento?" // "O uso do boné não vai tirar a atenção de ninguém, depende da pessoa, pode estar usando o boné, mas não vai prestar atenção nenhuma. Conversam da mesma forma"*.

9% dos entrevistados defendem que há mais de uma explicação para a proibição do uso do boné, na escola deles, por exemplo, é proibido por ser considerada uma atitude desrespeitosa, desleixo, nível cultural inferior, entre outros: *"Eu não concordo com isso. Acho que cada um faz o que bem entende. A regra existe: 'local fechado não pode usar boné'. Meu professor de História diz que não aceita essa regra, mas como é norma da escola ele manda tirar"*.

18% dos entrevistados concluíram que o uso do boné e outras regras escolares ainda existem - apesar de não estarem mais em consonância com a realidade contemporânea - muito mais por questões históricas e culturais. É por isso também que não se pode ir a uma entrevista de boné: *"Por isso o sistema é 'foda', porque eles não tentam ensinar porque é errado usar o boné, só dizem que não pode"*.

5.2.3 Melhorias que Poderiam ser Implementadas na Escola Atual a Fim de Implementar a Aprendizagem

Muitos elementos destacados aqui já haviam sido citados no item 5.2.1. Um deles foi defendido por 45,5% dos entrevistados e diz respeito à função da escola em preparar melhor a pessoa para o mercado de trabalho e para a vida, ou seja, retoma-se a ideia de que as instituições educacionais ainda estão muito mais preocupadas em seguir os conteúdos determinados pelo currículo: *"Eu fiz 18 anos quando estava saindo do Ensino Médio e não sabia nem decidir o que fazer na Faculdade, tipo eles não te mostram o caminho, é como eu disse a escola só serve para te dar um currículo, mas deveria te dizer se tu ta pronto... Não faz sentido, pois eu nem vivi a metade de minha vida". // "A gente sai da escola sem foco nenhum, não sabe o que fazer, sem noção"*.

Essa opinião é completada por mais 9% do grupo focal, quando se salienta que a escola deve, realmente, suprir essa falta de preparo ou de formação para a vida - que deveria partir dos pais - mas não ocorre em função da falta de tempo dos mesmos ou por mera falta de interesse ou preparação: *"Por isso a escola deveria suprir isso também, senão você acaba sendo só uma ferramenta para ir pro mercado de trabalho; vou fazer a escola pra ter no final um currículo; deveria também socializar, preparar a gente pra vida e também ser mais eficiente na gestão para o trabalho". // "Sente-se a falta da diferença e/ou semelhança daquilo que se aprende e daquilo que vai ser usado"*.

Sobre o Ensino Médio, 36,3% defenderam que é necessário oportunizar os alunos a mais situações concretas de aprendizagem, por exemplo, viagens de estudo: *"A escola poderia levar a gente para mais lugares pra conhecer mais opções, conhecer o mundo como funciona de verdade, pois muito do que se vê na escola fica pra trás depois"*.

5.2.4 Ocorrência ou não de Diálogo dos Adolescentes com os Pais sobre Prevenção, DSTs, Gravidez e Sexualidade

Apesar dos parcos depoimentos, os elencados foram decisivos, dos quais se inferiu que, realmente, em relação ao tema, 82% dos adolescentes não costumam conversar muito com os pais ou até mesmo com os amigos sobre o assunto: *"Eu não sei se precisa um pai falar disso com o filho. É natural isso, você cresce sabendo que se não usar camisinha vai ter filho e pronto". // "Meus velhos só pedem pra usar a camisinha". // "A informação deve vir da família também, mas não é porque meu pai não falou que eu vou lá e fazer sem camisinha, só porque meu pai não falou. O pai não me avisou e eu me ferrei! Não é bem assim!"*.

Já 20% alegam que os pais costumam conversar muito e dar muitas orientações a respeito, apesar de saberem que os filhos são bem conscientes em relação ao uso dos preservativos. Um dos participantes cita o caso da prima que tem 15 anos apenas e está grávida: *"É loucura se for uma criança! Como é que vai sustentar um filho? Tipo, ela sabe que se fizer tem muita chance de engravidar. Então por que fazer sem camisinha ou sem cuidar?"*.

Segundo esse pequeno grupo, é importante que a orientação também parta dos pais, pois tem mais peso na vida do adolescente, principalmente quando se tratar de garotas.

5.2.5 Como os Entrevistados Encaram o Homossexualismo e o Bissexualismo na Pré-Adolescência e na Adolescência

Sobre esse aspecto 100% concordam que a escolha sexual deve partir de cada um, é responsabilidade de cada um, não cabe aos jovens desrespeitarem tais escolhas, apesar de a sociedade ainda alimentar muito o preconceito em relação a isso: *"É uma questão de igualdade....não importa que goste de homem ou de mulher, eu vou tratar do mesmo jeito independente de que sexualidade seja." // "Isso é com eles." // " Se eu soubesse, ia dizer: Massa cara!" // "Sei lá...o cara tem de ser macho pra assumir também"*.

36,3% relatam que possuem amigos e amigas que são gays ou lésbicas e que não deixaram de ser amigos em função disso: *"Eu tenho amigos que são gays, mais um que é bi e várias amigas lésbicas". // "Pra mim é meu amigo e continua só nisso, eu posso até falar mal por trás, mas na verdade eu respeito"*.

Segundo 27,3% a sociedade hoje está aceitando melhor a homossexualidade e a bissexualidade, antes as pessoas se fechavam mais, hoje possuem uma mente mais aberta e menos conservadora no que se refere às opções de cada indivíduo.

Nesse ponto, abriu-se um parêntese para discutir sobre a influência do grupo de amigos, da 'galera' durante a adolescência e a pré-adolescência.

Somente 36,3% opinaram, defendendo que realmente, nessa fase os amigos são muito importantes e podem influenciar fortemente nas decisões do adolescente e/ou pré-adolescente: *"Ah, vamo pra festa, vamo bebe e daí vai bala....Mesmo quando tu não ta muito a fim acaba acompanhando porque quando os teus amigos não tão a fim também, eles também tão contigo"*.

Os demais, pelas gesticulações e expressões fisionômicas demonstraram não concordar com o depoimento anterior, visto que, mesmo sofrendo fortes influências cada qual deve tomar suas próprias decisões.

5.2.6 Como Ocorre o Diálogo dos Adolescentes com os Pais sobre Drogas Lícitas e Não Lícitas

Quando questionados sobre o conceito de drogas, um dos conceitos levantados relacionou-as a doses químicas; o outro remeteu a várias outras substâncias que podem ser consideradas 'drogas', quando usadas em excesso: *"Tudo tem droga, por exemplo, refrigerante é uma droga. Tudo que libera endorfina, serotonina, cafeína, nicotina, álcool é uma droga. Tudo é uma forma de tu se divertir, de tu se sentir bem, de liberar serotonina, adrenalina e tudo mais"*.

Disso deduziu-se que para 18,2% adolescentes depoentes as drogas não estão apenas incluídas no que, normalmente, chamamos de drogas lícitas (cigarro, bebida alcoólica, etc.) e drogas ilícitas (maconha, cocaína, crack, eckstasy, LSD, inalantes, heroína, barbitúricos, morfina, skank, ópio, anfetaminas, clorofórmio, cola de sapateiro, entre outras), mas fazem parte inclusive de alimentos e medicamentos que possuímos no cotidiano.

Quando interpelados sobre se "costumam dialogar com os pais sobre drogas lícitas e ilícitas", 54,5% expuseram seus pontos de vista e alegaram que conversam muito pouco sobre esses assuntos. Eles declararam que os pais têm uma mente muito fechada e não dão muita abertura: *"É que eles têm uma cabeça diferente da nossa, a nossa já é mais aberta". // "Converso, mas não é muito comum." // " Na verdade o que a gente mais sabe sobre as drogas é aquilo que a mídia fala pra gente. E a gente quer ter as nossas próprias experiências"*.

Nesse ponto o diálogo se expande e 82% dos entrevistados revelam sentirem-se mal diante da estratégia, normalmente utilizada pelos pais para dar início à conversa, ou melhor, 'bate-boca' sobre drogas.

Todos estes afirmam que, na verdade, são reféns do preconceito da família o que leva a interpretações e conclusões errôneas por parte dos pais: *"Eu tenho amigos maconheiros, [...] sou bem assim, eu converso com todo mundo sabe. Pra mim não importa, tendo amizade, sendo gente boa, não tem nada a ver. Eu tava numa rodinha, eles estavam fumando e bebendo, mas eu não estava. Só estava batendo um papo, conversando, pois são meus amigos, pois estudamos juntos desde a sétima série, já virou um convívio nosso. Aí foram falar pra minha que eu estava fumando e bebendo, que me viram bêbado na rua. Aí cheguei em casa e levei bronca, também sou evangélico e minha mãe fala o tempo rodo: Isso fica mal pra tua imagem. Isso de certa forma eu entendo, porque se tu ta no meio tu é aquilo, se tu ta numa roda que ta fumando, tu é maconheiro"*.

Esse percentual de depoentes (82%) completam suas colocações e reafirmam que detestam ser julgados pelos pais ou receber 'marteladas' o tempo todo: *"Tu ta conversando com um usuário, então tu também é usuário. Pior ainda, hoje em dia é proibido tu ta aí, se tu ta aí é usuário também" // "Tu é bêbado, tu é vagabundo!" // É bem aquele ditado [...]" // "Diga-me com quem andas, que te direi quem és" // "É assim, as pessoas nunca te perguntam primeiro o que você está fazendo ali, elas primeiro te apontam e te julgam"*.

Somente 18,2% defendem a atitude dos pais. Eles confirmam que dialogam abertamente com eles sobre drogas, principalmente por fazer parte do meio evangélico, já possuem esses ensinamentos de não aceitar esse tipo de drogas ou o que for. Segundo os entrevistados já recebem essa orientação desde crianças e procuram passar isso para a maioria das pessoas: *"Há muitas coisas que você pode fazer, que é muito melhor sem isso. Na minha visão é um atraso de vida e com minha mãe eu converso de tudo" // "Tenho amigos que são usuários, mas já falei pra eles que nem tentem me oferecer porque vão perder minha amizade, também concordo que é um grande atraso de vida. Quem usa drogas não tem futuro". // "Lá no meu barraco é sossegado, conversamos abertamente, com as meninas também"*.

Quando questionados sobre "como gostariam de fosse a abordagem dos pais com eles sobre as drogas", 9% alegam que esse assunto ainda é encarado como um tabu dentro de muitas famílias, principalmente quando se trata dos pais em relação aos filhos. Às vezes com os tios o papo é mais aberto.

Aqui houve uma sugestão de como esses assuntos deveriam ser tratados e um elogio direto ao trabalho que está sendo executado pelo CMDCA e pela Painel Instituto de Pesquisas: *"Um bom instrumento para abordar esses assuntos seria na escola ou 'fazer uma roda como a gente ta fazendo aqui agora'. Colocar os pais na frente dos filhos e estimular pra conversar porque em casa não dá"*.

18,2% dos entrevistados discordam do fato de colocar os pais diante dos filhos e afirmam que uma pessoa de fora teria mais resultados nesse sentido: *"Não acho certo, porque na frente dos pais o filho não abre a boca. Na frente do professor também não abre a boca, mas depende do professor". // "Além do mais, eu conheço pais de amigos meus que também são usuários"*.

5.2.7 Depoimentos dos Adolescentes sobre as Causas que Podem Determinar o Uso das Drogas Entre as Crianças, Pré-Adolescentes e Adolescentes

100% dos entrevistados afirmam que há várias razões que levam o adolescente a entrar no mundo das drogas. Algumas causas elencadas foram: curiosidade; fuga; esquecer problemas dentro da família; satisfazer um vazio, uma carência; por diversão.

5.3 POLÍTICA E CIDADANIA

5.3.1 Depoimentos sobre qual é o Aspecto Considerado mais Importante para o Futuro dos Adolescentes

18,2% dos entrevistados colocaram como prioridade para o futuro o fato de prepararem-se para o mercado de trabalho, alegando ser o estudo a principal ferramenta para esse propósito.

18,2% declararam que o trabalho formal é seu principal objetivo, pois demanda rendimentos necessários à sobrevivência: *"Pra comprar tuas roupas, pra sair mais"*.

9% declararam que já pensam em estruturar e sustentar uma família e ter filhos. 9% ainda não sabem o que pretendem fazer no futuro.

Cerca de 50% dos entrevistados não se posicionaram sobre essa questão.

5.3.2 Momento Adequado de os Adolescentes Assumirem um Trabalho Formal e quais as Vantagens e Desvantagens

100% dos participantes alegaram que quando os pais começam a não liberar mais verbas, fica evidente que chegou a hora de procurar trabalho, independentemente da idade que possuir: *"Quando tu começa a perceber que teu pai não ta liberando a verba como liberava antes....Começa a diminuir, diminuir e daí chega e diz: vai trabalhar". // "Quando a braguilha ta apertando"*.

Inferiu-se a partir disso que os depoentes iniciam seus trabalhos formais porque querem ter independência financeira. Apesar de que, 45,5% completaram declarando também que hoje a concorrência no mercado de trabalho é muito grande e isso exige muita experiência profissional, adquirida somente por meio da prática no mundo corporativo. Nesse ponto também se citou a necessidade de executar cursos profissionalizantes e/ou de graduação, após o Ensino Médio como meio de adquirir o instrumental necessário para enfrentar a concorrência.

Por outro lado, 18,2% dos entrevistados defenderam que seria melhor se não fosse preciso trabalhar; se fosse possível fazer a Faculdade sem se preocupar com isso, pois assim seria possível dedicar-se mais aos estudos. Estes defenderam que, quando o adolescente obriga-se a trabalhar sobra pouco tempo: *"Eu não tenho muito tempo. Eu trabalho pouco, quatro horas por dia, mas mesmo assim eu já vejo que é corrido. Eu chego em casa cansado, vou dormir e não estudei pra uma prova. O ideal seria focar primeiro mais os estudos e depois trabalhar, com certeza. Se puder não trabalhar é melhor!"*.

5.3.3 Importância de o Adolescente Exercer ou não o Direito de Votar aos Dezesseis Anos

As opiniões foram divididas. 50% afirmaram que votaram e os demais 50% não votaram.

Dentre os que não votaram, 20% dos participantes alegaram que foi porque deixaram passar o prazo para fazer o Título de Eleitor; os demais declararam que foi por escolha própria: *"Eu não vou mentir, eu fiquei sabendo há um mês atrás que podia ter votado, minha prima que é três dias mais velha do que eu me alertou. E aí foi, vou amanhã, vou amanhã. A gente ia junto, não deu certo e passou o prazo". // "Fui fazer meu título e já tinha acabado o prazo. A intenção era fazer o título e votar"*.

Dentre os que votaram, 10% disseram que foi por influência dos pais, visto que estes consideram votar uma ação importante, pois a maioria dos políticos faz muitas promessas e não cumprem, portanto é importante o voto – já que passa a representar um dos direitos de exercer a cidadania: *"Escolhe quem tu acha melhor! Quem tu vê que é melhor pra cidade. Quem vai coordenar as coisas melhor". // "Exercer os direitos como cidadão, de optar ou não optar é importante; mas existe uma lei que obriga a votar depois dos 18 anos. Então não existe direito ao voto. Não ia votar, mas meus pais 'encheram o saco'. Eu não gostaria de votar porque eu não confio na política"*.

5.3.4 Importância de o Adolescente Exercer o Dever e o Direito de ser Cidadão e o que o Poder Público Pode Fazer para Contribuir nesse Sentido

Sobre a importância de o adolescente exercer o dever e o direito de ser cidadão apenas 27,3% dos participantes opinaram.

9% alegaram que não sabem como agir nesse sentido: *"Sei lá!"*.

9% declararam que é importante tentar, mesmo sabendo que o mundo da política é um pouco 'sujo'. Votar seria uma forma de escolher o melhor candidato ou o menos pior para administrar a sociedade: *"Acho legal a gente tentar"*.

Quando interpelados sobre o que o poder público pode fazer para contribuir no sentido de tornar os adolescentes mais participativos e/ou integrados à cidadania, cerca de 50% opinaram.

9% defenderam que deve haver mais honestidade por parte dos políticos a fim de conquistar realmente a confiança dos jovens e levá-los a ter mais interesse pela política.

18,2% endossaram a ideia de que os vereadores, principalmente, devem atuar junto ao seu bairro, verificando as necessidades reais da população que representam. Em seguida, tais reivindicações devem ser levadas à Câmara a fim de serem votadas para aprovação. Tal atitude deve servir de suporte também para os deputados, os senadores, os ministros e o próprio presidente: *"Isso é importante!"*.

Nesse ponto, 9% interferiram e fizeram uma crítica ferrenha ao modo como a sociedade é administrada atualmente pelos governantes: *"Agora, praticamente o que sustenta a sociedade no Brasil é a classe média, porque a classe alta são os burgueses, são os donos, os governantes; e eles só ganham dinheiro se a classe média trabalhar por eles. A classe média, porém, é a que tem menos poder de decisão, perdendo até para a classe baixa. A classe baixa, por outro lado, ganha dinheiro pelas bolsas de sobrevivência (esmolas para comprar votos) que vêm do governo: Bolsa-Família, Bolsa-Escola..."*.

Em última instância, foram elogiadas as pesquisas sobre questões políticas e de cidadania. Segundo 13,8% é preciso oportunizar o jovem a opinar sobre a realidade por eles vivenciada, afinal a adolescência é tida como uma fase cheia de turbulência pelos adultos - em que jovens, na maioria das vezes, são rotulados como inconsequentes, revoltados, anarquistas, inconscientes de seus deveres e direitos, desinteressados, acomodados, preguiçosos; e por essa razão também são marginalizados pela própria sociedade.

5.3.5 Como o Poder Público pode Contribuir para Melhorar a Qualidade de Vida das Crianças, Pré-Adolescentes e Adolescentes

Sobre essa questão 100% dos entrevistados participaram ativamente do debate e demonstraram muito bom senso e um alto grau de criticidade em suas declarações.

18,2% levantaram uma crítica feroz à cobrança exacerbada de impostos em todo o País. Os jovens demonstraram indignação diante disso, pois o dinheiro dos impostos não está sendo investido de forma adequada nem na área de Educação, nem na Saúde, ou em outra área qualquer, na verdade é sempre desviado. O que se percebe, segundo eles, principalmente em regiões mais remotas do interior do País são pessoas sem qualquer tipo de estrutura, com saúde muito precária, as pessoas morrem porque não existem médicos ou comida. Enquanto isso, o governo deita e rola, vive da corrupção, o dinheiro corre solto e ninguém pode fazer nada: *"Primeiro eles tinham de criar vergonha na cara e parar de roubar o povo, porque isso é uma vergonheira". // "Às vezes eu paro pra pensar assim, cara é muito imposto, é muito dinheiro que entra pro governo... Agora, pra onde todo esse dinheiro vai? Isso é um absurdo muito grande!". // "Dá licença, o que é isso? O governo é pior do que bandido, tem bandido com mais caráter do que certos políticos! É dinheiro na cueca...". // "Se eu não me engano o dinheiro dos impostos não vai pra saúde. Todo o dinheiro vai pra um mesmo cofre e de lá é dividido [...] para os bolsos dos políticos". // "O povo tem de pagar pra trabalhar!!!"*.

No tocante ao município de Joinville 100% dos adolescentes fizeram várias colocações a respeito de incrementos que precisam ser executados pelo poder público.

18,2% reclamaram da falta de segurança para o jovem e da violência existente na cidade de Joinvillle. Segundo eles, tais empecilhos impedem o adolescente, principalmente as garotas, de saírem à noite para uma pracinha ou barzinho ou praticar esportes por causa dos maníacos e estupradores: *"Até os 15 anos, que é o meu caso, os pais proíbem bastante; só que sempre a gente conversa e dá um jeito de ir. Uma criança de 13 anos, 14 anos os pais não deixam mesmo. Até concordo!"*.

No que se refere à política, 27,3% declararam que a corrupção ainda impera dentro do Município. Defenderam também que para que os jovens realmente se interessem mais por questões políticas, ou seja, se tornem mais politizados, os governantes devem *"[...] falar mais a língua da gente [...]"*.

Infelizmente, o que ocorre é que tudo acontece nos bastidores, os adolescentes não têm a mínima ideia da realidade que se esconde 'por debaixo dos panos'. O governo alega que se interessa pelas causas que envolvem as crianças, os adolescentes e os pré-adolescentes, criam leis e estatutos nesse sentido; porém sequer as divulgam ou põem em prática: *"Eles sempre querem se preocupar com nossas causas, mas sem conhecer o que a gente vive, no caso do pessoal da nossa faixa de idade. Talvez devessem estar mais presentes nas escolas, nos lugares que a gente frequenta, saber o que a gente faz, o que a gente precisa pra ter uma qualidade de vida melhor. E a gente não vê nenhuma atitude desse tipo. Acho que essa é primeira vez que a gente ta aqui fazendo esse tipo de atividade, participando, debatendo, opinando"*.

18,2% defenderam que Joinville ainda está aquém dos investimentos que se fazem necessários no que se refere à preparação do jovem para o mercado de trabalho. Nesse ponto, houve uma comparação de Joinville - também chamada de Manchester Catarinense - com a própria cidade de Manchester, na Inglaterra.

Alegou-se que, assim como em Joinville, lá também se investe pesado no setor industrial, o que torna as duas cidades muito semelhantes, inclusive no que se refere à falta de lazer, de investimento em cultura e em outras áreas, como o Comércio e o Turismo, por exemplo: *"O governo de Joinville só investe na indústria, e não nos outros mercados de trabalho. Então, ou você entra na indústria ou é obrigado a se dar mal totalmente"*.

O tédio é elencado aqui como outro fator que emerge dessas duas cidades: *"Não tem nada pra fazer a não ser trabalhar, o pessoal não tem futuro nenhum, ou tu vai trabalhar em indústria ou tu ganha uma 'merdinha' qualquer. Então são lugares muito fechados, entendeu?"*

36,3% endossam que a área de transporte coletivo está muito carente em Joinville. O povo não é unido, normalmente reclama do aumento do vale-transporte, mas acaba pagando mesmo assim: *"Joinville tem muito disso também, tipo até reclamam: - Mas a passagem ta alta, ai que droga, mas pagam mesmo assim". // "Joinvilense é tudo descendente de alemão e alemão é tudo familiar. Ficam ali, não reclamam, não se envolvem com a cidade. É mais regional o negócio"*.

Nesse ponto, sugeriu-se a implantação de mais uma empresa de ônibus no Município: *"Todo mundo sabe que as duas empresas, a Gidion e a Transtusa têm um contrato com o Tebaldi ou o Luís Henrique pra que de determinado em determinado tempo eles aumentem o valor da passagem, ou seja, eles dominam o mercado em Joinville"*.

5.4 ESPIRITUALIDADE

5.4.1 Importância de Trabalhar uma Orientação Espiritual Durante a Infância, a Pré-Adolescência e a Adolescência

Quando questionados sobre se possuem ou seguem alguma crença religiosa e/ou orientação espiritual, 54,5% declararam que são católicos e suas famílias seguem a mesma crença. 27,3% afirmaram ser evangélicos, sendo que a família também é, em sua maioria, integrante dessa religião. Somente 18,2% alegaram que são ateus.

Dentre eles, 9% explicaram que não creem em nenhuma força espiritual regendo o mundo. Deus existe sim, mas de uma forma diferente. Se ele existe em todos os lugares, tudo é Deus, porque tudo é energia: *"Isso é Deus, tudo é Deus, minha soma é Deus, mas eu digo que sou ateu, porque é complicado isso"*.

Fez-se aqui uma inserção sobre esse conceito de Deus baseado em Einstein: *"Minha concepção de Deus é uma energia que preenche o TODO (infinito) e é carregada de inteligência (autogestão), e a partir dela é que se formam todas as coisas. Assim, Deus não teria nem começo nem fim. Ele simplesmente É. Estamos imersos em Deus e, de certa forma, SOMOS Deus, pois que essa energia não é excludente. Do mesmo modo que o nosso cabelo tem certo padrão energético e um DNA, todos nós temos o "código Deus" impresso em nós. Podemos até mesmo senti-lo, quando nos sintonizamos com o divino. Todas as culturas do mundo, mesmo as mais remotas e isoladas, têm seu modelo de divindade. É algo inato ao ser humano. Espanta-me existir ateus. Aposto que eles têm seus motivos para fechar os olhos ao mundo, e não perceber que isso tudo existe há bilhões de anos e não foi o homem que fez"*.

Os demais 9% disseram que vão à igreja somente porque a família os obrigam a ir, pois estão em dúvida quanto à existência de Deus e não creem em religião: *"Eu seguro a religião mais por causa da família"*.

Quando questionados sobre a importância de possuir uma orientação espiritual, seja ela qual for 27,3% concordam que é muito importante, mas não acham necessária a existência de um templo para congregar com Deus. Nesse ponto citou-se o fanatismo religioso, por exemplo, como em casos em que as pessoas prezam pela ida ao templo, mas se esquecem dos preceitos espirituais: *"O fanatismo é perigoso para a religião, você se bitolar a certas ideias"*.

Quando discutiram sobre os aspectos positivos e negativos que a espiritualidade pode trazer, 45.5% defenderam que a religião é um meio de mostrar o que é ético e o que não é ético e que sem noções espirituais a vida do ser humano não tem sentido: *"O lado positivo é quando você vive a essência do que é Deus, do que a religião está pregando pra você, que é a bondade, a solidariedade..."*.

Sobre as pessoas que pregam o evangelho, as opiniões foram divididas. Por um lado, 9% alegaram que discordam dessa estratégia, principalmente quando os ditos "chatos convertedores" vão de casa em casa: *"Sempre tem um cristão que tenta converter um ateu ou um ateu que tenta converter um cristão, ta ligado!"*.

Já 18,2% admitiram serem eles próprios os ditos *"chatos convertedores"* (evangélicos) e defendem essa estratégia; porque alegam que o evangelho e a vontade de Deus deve ser exposta, e não imposta. A pessoa decide se quer ou não seguir os preceitos bíblicos. E completam dizendo que: *"Se eu vivo uma coisa que é boa pra mim, por que não difundir isso? Se isso me dá um padrão bom pra eu viver, se isso muda a minha forma de viver, não só de viver socialmente, mas de eu viver comigo mesmo, então por que não vou passar isso pro outro?"*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns desdobramentos se fazem necessários a fim de apontar e analisar as principais informações levantadas durante os grupos focais.

Convém destacar, a priori, que os objetivos propostos para esta pesquisa superaram as expectativas previstas, caminhando por vertentes bem mais profundas e sólidas do que as estipuladas inicialmente. Tal resultado decorreu em função da participação efetiva e consciente dos integrantes dos grupos focais, cujos depoimentos foram marcados por exposições significativas e notadamente críticas em relação à realidade vigente.

Um dos aspectos mais marcantes presente durante todos os temas debatidos e que intermediou a maior parte das falas, tanto dos pais como dos adolescentes, foi a importância do resgate dos valores morais e éticos.

Segundo os depoentes tais noções estão sendo gradualmente perdidas ou seu significado foi deturpado ou invertido - principalmente nas últimas décadas, em função das mudanças aceleradas decorrentes do avanço tecnológico e de outros fatores socioculturais, como o estresse, a correria do dia-a-dia, enfim pela banalização do próprio ser humano.

Daí se pôde deduzir que as aspirações da maioria dos entrevistados em relação à estrutura familiar, escolar, social, política e espiritual – vigente e futura – estão intimamente relacionadas ao resgate desses princípios. Tal preocupação se mostrou evidente, pois as escolhas e atitudes das crianças e adolescentes, a formação de seu caráter, o seu crescimento e amadurecimento estão em meio a um fogo cruzado entre a base moral e ética que a família proporciona e os padrões que a sociedade apresenta.

Dessa forma, inferiu-se que quanto mais saudável e sólida for a estrutura familiar atual, maiores as possibilidades de os jovens saberem driblar com as situações que a vida lhes apresenta(rá) e de se tornarem indivíduos cumpridores de seus deveres e merecedores de desfrutar seus direitos como cidadãos.

Outro marco durante as sessões foi a discussão em torno das dificuldades de relacionamento entre pais e filhos, do que decorreu a ideia de que, apesar de estarmos no Terceiro Milênio, as contradições continuam, ou melhor, é inegável o fato de que o 'conflito de gerações' continua abalando as relações familiares.

Os pais, impulsionados pela educação recebida, alegaram que os adolescentes de hoje são bem mais críticos do que eles eram; porém menos preparados para a vida - são mais incisivos em relação à defesa de seus pontos de vista e de seus direitos; por outro lado, quando se trata de assumir seus deveres, normalmente, censuram as normas e os limites impostos, tanto pela família como pela sociedade - são mais conscientes dos conceitos que envolvem a sustentabilidade, no entanto muito mais ligados ao conforto e às comodidades que a era da tecnologia lhes proporciona, o que os leva, muitas vezes, ao consumo exacerbado - lutam constantemente por mais liberdade, entretanto desprezam a imposição de limites e são bem menos responsáveis e perseverantes do que os pais foram em sua fase de adolescência – possuem grande acesso a informações; mas quando se trata de transformá-las em conhecimento e mudança de atitudes são menos solícitos do que a geração que os antecedeu.

Em contrapartida, a maioria dos adolescentes e jovens entrevistados defendeu que os pais não dão muita abertura para o diálogo, principalmente em se tratando de assuntos pessoais, pois tentam agir como amigos, mas acabam sendo impositivos e dão "marteladas" o tempo todo. Os filhos reclamaram da falta de amor, afeto, paciência, compreensão, aceitação, confiança e das cobranças descabidas por parte da família. Defenderam que, nas atuais circunstâncias, o jovem se vê imerso a uma gama maior de exigências em função do alto grau de competitividade, o que não ocorria com tanta intensidade na geração anterior.

Em função disso, é inegável afirmar que as resistências dos filhos em relação às normas estabelecidas pela família se tornam cada vez maiores. Os conflitos e as turbulências integram a rotina diária, criando uma lacuna cada vez mais proeminente entre pais e filhos. Tal vazio, consequentemente, muitas vezes é preenchido pelos jovens em seu grupo de amigos, o qual é encarado como o refúgio, ou melhor, os adolescentes se ligam à "galera" para escapar dos bombardeios, muitas vezes contraditórios, entre família e sociedade.

Infelizmente, tais conflitos entre gerações podem afastar o jovem do convívio com os pais, tornando-os inseguros, revoltados e até depressivos. Impulsionados pela curiosidade ou influência da roda de amigos, fatores de inegável ressonância nessa fase da vida – muitas vezes eles buscam consolo e fuga para seus problemas por meio das drogas.

Sobre o papel da escola, tanto os pais como os adolescentes concordaram que esta não pode assumir a responsabilidade de construir a base educacional. Destacaram que fornecer os princípios morais e éticos para a construção do caráter é responsabilidade da família; embora muitos pais se desobriguem dessa função.

Por outro lado, concordaram que a escola precisa trabalhar aliada à família, reforçando e complementando a bagagem de conhecimentos e valores que a criança e o adolescente trazem de casa. Para isso, ambas devem valer-se do resgate e fortalecimento dos princípios morais e éticos como elementos imprescindíveis para nortear a formação integral, instrumentando eficazmente os jovens a fim de que caminhem seguros em direção ao futuro profissional e desenvolvam atitudes reais de cidadania.

Completaram destacando que na escola aprende-se a lidar com vários tipos de pessoas, com valores e opiniões diferentes. O primeiro passo é a família; o segundo, a escola; o terceiro, a sociedade como um todo. São, pois, tríades que se complementam.

Resumindo, a escola deve, além de preocupar-se com a grade curricular, fornecer os subsídios necessários à sobrevivência na sociedade atual; dentre os quais se destacam a arte de saber conviver com as diferenças, a contribuição para a inclusão social; funcionando acima de tudo como uma geradora de opiniões.

Em se tratando de politização e cidadania, evidenciou-se em vários pontos das sessões que a educação, tanto familiar quanto escolar, deve caminhar no sentido de preparar a criança e o adolescente para assumir posicionamentos conscientes e críticos diante da realidade que lhes é (será) apresentada.

Embora muitos pais ainda considerem a geração atual muita imatura, descompromissada e até alienada em relação à participação na vida política; outros defenderam que, no que se refere à cobrança pelos direitos, os jovens são bastante atuantes. Destacaram também que os incrementos à Cidadania não podem ser exigidos somente do Poder público. É imprescindível que a sociedade como um todo aja de forma participativa nesse sentido, assumindo seus deveres e lutando pelos seus direitos.

Já entre os adolescentes, duas vertentes foram discutidas. A primeira defendeu que o povo joinvilense precisa ser mais bem preparado para atuar de forma politizada dentro da comunidade. Enfatizou-se que - atrelada a essa insuficiência de envolvimento no processo que envolve a vida pública - está também a falta de cultura, a alienação, o comodismo e o desinteresse da maioria dos adolescentes.

Por outro lado, notou-se uma descrença muito grande por parte dos adolescentes no Poder Público e, principalmente, nos políticos. O jovem atual não enxerga os governantes como defensores dos direitos do cidadão, e sim como indivíduos corruptos, desonestos, exploradores, mentirosos e até bandidos. Houve uma crítica feroz no que se refere ao desvio de verbas, relacionadas diretamente a obras inacabadas e/ou aos enormes 'elefantes brancos' construídos e abandonados depois. A cobrança exacerbada de impostos, a impunidade, a corrupção, a falta de divulgação das leis, a má administração pública, a falta de investimento na educação dentro dos colégios estaduais e a lavagem de dinheiro foram outros fatores elencados pelos jovens a fim de justificar sua descrença.

Infelizmente, sabe-se que nenhum processo de mudança política iniciará sem a união e a conscientização do público jovem. Sem a força jovem, a possibilidade de o Município e o País melhorarem no futuro é incerta e remota.

Indubitavelmente, o amanhã pertence às crianças e aos adolescentes de hoje. Em suas mãos estão sendo plantadas as esperanças ou as desesperanças. Educar e politizar, portanto, são duas esferas muito próximas. Não resolve alimentar o sonho dos jovens se estes não tiverem os instrumentos necessários para concretizá-los.

Nesse ponto é importante citar algumas das expectativas dos pais e adolescentes em relação ao futuro, a começar por Joinville. Destacaram-se: a) mais preparo por parte das escolas para o mercado de trabalho; b) maiores avanços em desporto e lazer; c) maior investimento em transporte coletivo; d) mais segurança, principalmente aos jovens durante a noite; e) investimentos pesados na área da Educação, Saúde e Cultura; e) menos corrupção e desonestidade por parte dos governantes do Município; f) investimento do dinheiro dos impostos nas áreas mais carentes; g) valorização e integração do jovem à comunidade; h) levar em consideração o ponto de vista das crianças e dos adolescentes antes da tomada de decisões sobre eles e/ou criação de leis e estatutos; i) ampliar os investimentos também em outros setores na cidade de Joinville, além do industrial, como: comércio, turismo e arte.

A partir desses pressupostos, pode-se afirmar que a Família, a Escola e o Poder Público precisam unir-se nesse sentido. Devem construir meios para instigar, conscientizar e oportunizar os jovens joinvilenses a opinar e a participar ativamente dentro da comunidade em que estão inseridos.

Por um lado, não resolve estigmatizar os adolescentes como inconsequentes, revoltados, alienados, desinteressados, acomodados, preguiçosos e até relaxados; pois dessa forma não há de se conquistar os anseios para o futuro, hoje delineados por eles.

Por outro lado, não é conveniente enchê-los de utopias e falsas promessas. Inseminar palavras e imagens nos olhos e nas mentes não é o suficiente para fazer os jovens "caírem na real", ou melhor, urge que se criem meios eficazes e concretos a fim de que os sonhos de hoje se tornem a realidade de amanhã.

Painel Instituto de Pesquisas
Rua Ministro Calógeras, 1540 - Atiradores
CEP 89.203-000 - Joinville - SC
47 3025-5467 / 47 9993-1043
atendimento@painelpesquisas.com.br
www. painelpesquisas.com.br

Joinville

Diagnóstico Social da Criança e Adolescente

www.criancaeadolescentejlle.org

Idealização:

Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - Joinville - SC

SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

PREFEITURA DE JOINVILLE

Realização:

painel Instituto de Pesquisas